

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 74 · Nº 790 · €1,90

Março 2013

Existe um gene do pecado?

Nós temos um fator herdado que nos coloca em direta oposição ao Senhor



Consagrados um ao outro e a Cristo

O casamento cristão é uma dádiva de Deus.

12



À matemática de Deus – Parte I

Será Deus um matemático?

20



O cinto da verdade

Lições espirituais do cinto militar romano.

34

DIA das PUBLICAÇÕES

Dia Nacional de Distribuição de Literatura

10

REVISTAS
FOLHETOS
LIVROS



1 PESSOA

6 de
abril

90 000

REVISTAS / FOLHETOS
LIVROS



9000 PESSOAS

"A nossa literatura deve ser distribuída como folhas de outono."

Ellen White





Departamento dos Ministérios das Publicações
com a colaboração da Área Departamental de Evangelismo

IPDASD

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

índice

	BÍBLIA
24 Os Talentos	Vivermos conscientemente como discípulos de Jesus significa colocarmos as nossas capacidades ao serviço do Mestre.
	SAÚDE E TEMPERANÇA
32 Álcool e Espírito	É benéfico consumir vinho em quantidades moderadas?
	PÁGINA DA CRIANÇA
31 Um Incêndio na Cabana	

EDITORIAL

04 Errar o Alvo

05 Memo

CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

06 Dar a um Deus em Quem confiamos

O Espírito Santo persuade-nos a sermos mordomos dos dons e as capacidades que nos foram confiados.

ARTIGO DE FUNDO

08 Existe um gene do pecado?

Nós temos um fator herdado que nos coloca em direta oposição ao Senhor.

VIDA CRISTÃ

12 Consagrados um ao outro e a Cristo

O casamento é uma instituição divina, criada para a felicidade do Homem.

15 Notícias Internacionais

· EUA

16 Notícias Nacionais

· CAOD
· UPASD
· Funchal
· Setúbal
· LAPI-Sul
· Porto

· Pedroso
· Guimarães
· Portimão/Lagoa
· Vila Nova de Gaia

CIÊNCIA E RELIGIÃO XXXIV

20 A matemática de Deus – Parte I

A matemática é a linguagem de Deus.

AIT

27 A AIT ao serviço da Igreja

A ExpoSaúde e os Rastreios de Saúde funcionam como uma rede de pesca.

TESTEMUNHO

28 Um apelo à vida, numa carta

Um testemunho de como, através do tempo, as palavras e as orações surtem os seus efeitos.

REFLEXÃO

30 A Galáxia Sombrero

"Agora, olhando para as estrelas, pensando nas suas vastas distâncias, que faziam a Terra parecer tão pequena, fui dominado pela minha insignificância."

DEVOCIONAL

34 O cinto da verdade

Jesus quer rodear-nos como se fosse um forte cinto.



Antônio Rodrigues

Errar o alvo

Há uma palavra que está sempre presente na mente do Cristão: a palavra “pecado”. Em hebraico, a palavra que exprime o conceito de “pecado”, é *yahati*. Em grego, a palavra para “pecado” é *hamartia*. Tanto no hebraico como no grego, o sentido básico é “errar um alvo ou um caminho” ou, ainda, “ficar aquém do padrão”. Como exemplo deste sentido básico, podemos ler no livro de Juízes 20:16: “Entre todo esse povo havia setecentos homens escolhidos, canhotos, os quais todos atiravam com a funda uma pedra num cabelo, e não erravam (*“yahati”*).”

Qual é o alvo ou o caminho do Cristão? Encontramos a resposta em Romanos 3:23: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. Estar e viver na glória de Deus deve ser o alvo de todo o crente. Quando este alvo não é atingido pelas nossas palavras ou ações, cometemos pecado. E quando cometemos pecado, a tendência é esconder-nos da glória, ou seja, da presença de Deus. De facto, a primeira atitude do homem após o pecado foi esconder-se (Gênesis 3:10). Deus é Santo e o pecado não pode subsistir diante da santidade divina. A profecia de Isaías 59:2 diz: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados esconderam o Seu rosto de vós, de modo que não vos ouça.”

Quando o pecado entra no coração da criatura, fá-la errar o alvo, fá-la desviar-se do caminho de Deus. Quando leva o homem a afastar-se da luz de Deus leva-o para a escuridão das trevas. Quando o desvia do alvo da salvação, leva-o à destruição. Mas é aí que a bondade e a misericórdia divinas superabundam. “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça” (Romanos 5:20). E esta bondade e misericórdia não deixam de atrair o pecador. Quanto mais o pecador desce às profundezas do pecado, mais necessita de Deus. Jesus disse que

“o Espírito do Senhor é sobre Mim, Pois que Me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-Me a curar os quebrantados do coração” (Lucas 4:18). A razão pela qual o Messias veio a este Mundo foi para atrair o pecador e libertá-lo do poder de Satanás. São aqueles que mais sofrem, que mais choram, que mais angústia vivem que também mais precisam de Deus. A humanidade precisa de perdão, pois sem perdão não há vida eterna, não há graça e não há justiça.

Na cruz, Jesus disse: “Está Consumado”. Ou seja, o alvo foi alcançado, o caminho foi terminado e a Salvação está agora garantida a todos aqueles que, hoje, apesar de viverem nas trevas, desejam ardentemente, pela ação do Espírito Santo, reconhecer, confessar e deixar os seus pecados e voltar a olhar para o alvo, voltar para o caminho de Deus.

O homem pode ser libertado do pecado somente através de Jesus Cristo. Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29). Jesus Cristo fez-Se maldição por nós. Foi a Sua morte que nos trouxe a libertação. Quando confessamos Jesus como Senhor e Salvador e não abandonamos os Seus caminhos, mas prosseguimos para o alvo, então Ele fará morada no nosso coração (João 14:23). A partir daí, o pecado não terá domínio sobre nós. “Entrega o teu caminho ao Senhor, confia n'Ele, e Ele tudo fará” (Salmo 37:5).

“Eu Sou a videira, vós as varas; quem está em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer” (João 15:5). Estas são as palavras que deveriam ecoar constantemente nos nossos ouvidos. Jesus é o nosso exemplo. ✦

· **Antônio Rodrigues,**
presidente da UPASD

Dias Especiais e Ofertas

MARÇO

02	Dia Internacional de Oração da Mulher
09-16	Semana de Oração de Jovens
15-17	Escola de Formação JA – Nível 1 RE Açores/Madeira
16	Dia Global da Juventude “Unidos na Compaixão” – Oferta do Serviço Voluntário Adventista
21	Programa do Dia Nacional da Árvore (Mordomia)
24 e 25	Ação de Formação para a Colportagem
28-31	ACRE's – Acampamentos Regionais
30	Oferta do 13º Sábado – Divisão do Sul do Pacífico

ABRIL

01 a 07	Formação em Escola Sabatina e Ministério Pessoal – Para Pastores
06	Dia de Oração e Jejum / Dia das Publicações
12-14	Escola de Formação JA – Nível 1 RE Centro/Norte
13	Oferta para a Missão Global
19-21	Congresso Nacional de Universitários
20	Dia da Educação
28	Início da Campanha Nacional da ADRA
24	Conselho Nacional de Educação

MARÇO

4-8 – Associação do Norte da Transilvânia (RU)
 11-15 – Associação da Moldávia (RU)
 18-22 – Associação da Olténia (RU)
 25-29 – Associação de Banat (RU)

ABRIL

01-05 – Associação do Sul da Transilvânia (RU)
 08-12 – Associação da Muténia (RU)
 15-19 – Associação da Bavária (SGU)
 22-26 – Associação de Baden-Wuerttemberg (SGU)
 29-3/5 – Associação do Reno Central (SGU)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



Pegadas na areia...

Uma noite eu tive um sonho...

Sonhei que andava a passear na praia com o Senhor, e, no firmamento, passavam as cenas da minha vida. Após cada cena que passava, percebi que ficavam dois pares de pegadas na areia: um era meu e o outro era do Senhor.

Quando a última cena da minha vida passou diante de nós, olhei para trás, para as pegadas na areia, e notei que, muitas vezes, no caminho da minha vida, havia apenas um par de pegadas na areia. Notei também que isso aconteceu nos momentos mais difíceis e angustiosos do meu viver.

Isso aborreceu-me deveras e perguntei então ao Senhor:

– Senhor, Tu disseste-me que, uma vez que resolvi seguir-Te, Tu andarias sempre comigo, em todos os caminhos. Contudo, notei que durante as maiores tribulações do meu viver, havia apenas um par de pegadas na areia. Não compreendo porque é que, nas horas em que eu mais necessitava de Ti, Tu me deixaste sozinho.

O Senhor respondeu-me:

– Meu querido filho, jamais te deixaria nas horas da prova e do sofrimento. Quando viste, na areia, apenas um par de pegadas, eram as Minhas. Foi exatamente aí que peguei em ti ao colo. 🍀

ANTENA 1

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h

ANTENA 1, a partir das 22h47

- 11/03 (segunda-feira)
- 01/04 (quarta-feira)
- 29/04 (segunda-feira)

RTP2 ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h

ANTENA 1, a partir das 06h
31/03 (domingo)

Envie os seus textos para:
 Revista Adventista (A/C Lara Varandas)
 Publicadora SerVir, S. A.
 Rua da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 ou para: lara.pservir@sapo.pt

Dar a um Deus em Quem confiamos

A história de Ananias e Safira é uma ilustração do desapontamento que ocorre quando descobrimos que as pessoas não são sempre o que aparentam. Ela destaca-se na narrativa acerca da Igreja Cristã Primitiva como um acontecimento único que levanta, talvez, tantas perguntas quantas aquelas a que responde.

Koinonia

Lucas descreve a comunidade cristã primitiva usando a palavra grega *koinonia*, que significa “camaradagem, fraternidade, comunhão, parceria”. A Igreja era uma comunidade que dava cuidadosa atenção às viúvas helenistas (ou gregas) e aos pobres; era uma comunidade na qual o Espírito Santo estava a realizar muito num curto período de tempo. Tendo em conta este cenário, a história de Ananias e Safira pareceria adequar-se melhor ao livro de Juízes, Reis ou Crônicas.

No Novo Testamento, e particularmente no livro de Atos, encontramos o exemplo supremo de verdadeira doação guiada pelo Espírito. Não apenas doação de dízimos e ofertas, mas doação generosa, planeada e filantrópica.

Uma verdadeira manifestação de comunidade eclesial harmoniosa e empenhada.

Três conceitos básicos de mordomia

1. Relacionamento

Deus/Humanidade, proprietário/gerente, mordomo – estes termos descrevem o tema da mordomia tradicional/bíblica. No entanto, as Escrituras oferecem-nos outro modelo: *Jesus Cristo, mordomo do Seu Pai*. Os membros da Trindade relacionam-Se, decidem e agem em união harmoniosa, como encontramos na Criação, por exemplo (“Façamos...”).¹ Eles apresentam-nos um modelo de amor relacional. Juntos, Eles são Deus, e, individualmente, Eles são Deus.

As Escrituras identificam Jesus como a verdadeira expressão do Pai – “a imagem do Deus invisível”, diz-nos Paulo em Colossenses – que Se tornou carne para encarnar a própria essência do Pai.³ A Sua interdependência revela o amor d’Eles, e o amor pressupõe Um focar-Se no Outro.⁴ Como mordomo-chefe do Seu Pai, Cristo exibiu o caráter d’Ele perante o Universo, através da Sua vida sem pecado e da Sua morte na

cruz.⁵ Jesus fala acerca do Espírito Santo como sendo um “outro ajudador”,⁶ um agente divino que nos persuade a sermos mordomos dos dons e das capacidades que nos foram confiados.⁷

2. Motivo

Deus criou-nos para estabelecer um relacionamento de amor com a família humana. Deus reclama-nos como Sua possessão em virtude da Sua obra redentora.⁸ O amor é a razão para a ação de Deus⁹ e deveria ser a resposta apropriada da Humanidade ao ato salvador de Deus.¹⁰ De facto, na administração de Deus, o amor vem antes do dever e da obediência¹¹ e é a única razão aceitável para a dádiva. Pois, embora eu possa usar todos os meus bens para alimentar os pobres, e possa dar o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita.¹²

Os regulamentos fiscais e legais requerem que os fundos que damos a qualquer sociedade beneficente ou empresa sejam tratados com rigor e disciplina. E os mesmos regulamentos requerem o mesmo para os fundos que damos como dízimos, ofertas ou como grandes dádivas filantrópicas, através de depósitos em custódia ou de testamentos. Por causa disto, muitos consideram que dar a Deus e à Sua causa é o mesmo que fazer uma doação a qualquer sociedade beneficente à sua escolha. Contudo, ao pensar assim, eles parecem perder de vista o facto de que dar a Deus é um ato de adoração individual, que reforça o nosso relacionamento com Ele.¹³

3. Caráter

Dar requer amor, fé e confiança em Deus. Confiança num Deus que é capaz de acalmar a tempestade e num Senhor que é capaz de trazer paz ao coração no meio da tempestade. Dar requer acreditar que as promessas de Deus são verdadeiras e que, ao dador, nada faltará. Nada lhe faltará porque um Deus infinito e onipotente é capaz de manter os Seus filhos sob o Seu cuidado, fazendo com que eles não sintam falta, na sua vivência quotidiana, dos fundos que dão generosamente.¹⁴ Pelo contrário, Ele tem o poder de fazer com que os nossos recursos vão para além dos limites da razão.¹⁵

Dar desenvolve o caráter. Requer que o indivíduo organize a sua vida e as suas finanças e desenvolva hábitos de modo a facilitar que os fundos fluam, livre e constantemente, para o lugar designado para os receber e distribuir. Dar é um teste de fidelidade, que culmina com o facto de os fundos serem trazidos à Igreja.¹⁶ Nos *Testemunhos para a Igreja* (CPB, 2006, vol. 9, p. 247), Ellen White aconselha: “A porção que Deus reservou para Si não deve ser desviada para qualquer outro desígnio que não aquele por Ele especificado. Ninguém se sinta na liberdade de reter o dízimo, para empregá-lo

segundo o seu juízo. Não devem servir-se dele numa emergência, nem usá-lo segundo lhes pareça justo, mesmo no que possam considerar como obra do Senhor.” (Veja também Lev. 17:1-9; Deut. 12:1-8; Nee. 10:38; Efé. 3:11.)

Confiar no Senhor prepara-nos para enfrentarmos a tribulação e a morte e aprofunda a noção de eternidade na nossa vida.¹⁷

Desrespeito pelos líderes

Voltemos à história de Atos 5. Nem Ananias, nem Safira parecem ter estimado os líderes da Igreja, ou não ousariam mentir numa tentativa



Mordomia

Somos despenseiros de Deus, responsáveis diante d'Ele pelo uso apropriado do tempo e das oportunidades, capacidades e posses, e das bênçãos da Terra e seus recursos, que Ele colocou sob o nosso cuidado. Reconhecemos o direito de propriedade da parte de Deus por meio de fiel serviço a Ele e a nossos semelhantes, e devolvendo o dízimo e dando ofertas para a proclamação do Seu Evangelho e para a manutenção e o crescimento da Sua Igreja. A mordomia é um privilégio que Deus nos concede para desenvolvimento no amor e para vitória sobre o egoísmo e a cobiça. O mordomo regozija-se nas bênçãos que advêm aos outros como resultado da sua fidelidade. (Gén. 1:26-28; 2:15; I Cró. 29:14; Ageu 1:3-11; Mal. 3:8-12; I Co. 9:9-14; Mat. 23:23; II Co. 8:1-15; Rom. 15:26 e 27.)

Os Adventistas do Sétimo Dia Creem, Sacavém, Publicadora Atlântico, 1989, p. 258.

para os enganar. No entanto, Pedro, guiado pelo Espírito Santo, sabia o que necessitava de dizer e quais eram as questões corretas a colocar-lhes. Quando tentaram enganá-lo, o conhecimento das suas ações secretas foi-lhe revelado. Pedro não foi o responsável pela morte deles, mas foi o instrumento para lhes aplicar a sentença decidida pelo Espírito Santo.¹⁸

Só nos resta esperar que, ainda hoje, Deus use pessoas humildes, como Pedro, para prover respostas em situações em que Ele escolhe manifestar a Sua vontade. Convém aos líderes manterem-se em comunhão chegada com a Fonte da sabedoria e do poder, de modo a serem capazes de ser porta-vozes de Deus, usar sabiamente os recursos à sua disposição e responder responsabilmente perante quem os nomeou e perante Deus.¹⁹

Eu dou a Deus, porque Ele me ama e me confia as Suas posses. Eu sou um mordomo de Jesus Cristo, tal como Ele é o Mordomo-Chefe de Deus, o Pai. Dar prepara-me para outros privilégios espirituais. Aprofunda um senso de eternidade na minha vida. ✨

• **Juan R. Prestol**
Tesoureiro da Divisão
Norte-Americana

1. Gén. 1:26; cf. Mat. 3:13-17; 28:18 e 19; João 10:14-18; 11:41 e 42; 14:8 e 9; 16:13-15.
2. Col. 1:15-17; cf. João 1:1-3.
3. João 3:16 e 17; 5:30; 17:3, 23-26.
4. Wim Altink, “Six Lessons From the Trinity”, *Adventist World* (NAD edition), October 2005, p. 34.
5. Fil. 2:5-11; João 10:17 e 18; I Co. 3:21-23.
6. João 14:16, 26; Grego *Parakletos* (consolador). Veja também 16:13-15; I Co. 3:21-23.
7. João 10:27; 17:20-23; Rom. 8:14, 16 e 17; II Co. 5:14 e 15, 17-21.
8. Isa. 40:25-31; 42:5-7; 43:1-3, 11, 15.
9. João 3:16.
10. Deut. 7:7 e 8; 10:12-13; 30:6, 15 e 16, 19 e 20; Mat. 22:37-39.
11. João 14:15.
12. I Co. 13:3.
13. Veja *Conselhos sobre Mordomia*, p. 15.
14. Sal. 1; 91; 125:1; Isa. 26:3 e 4; Mal. 3:10 e 11; Fil. 4:19; I Ped. 5:7.
15. Deut. 29:5.

16. O processo de planejar, orçamentar e dar culmina em se trazer os fundos à casa de adoração, a congregação local, que é a porta para a casa do tesouro de Deus (Mat. 6:33; I Cró. 28:12; Nee. 10:38 e 39; 13:11 e 12; II Cró. 31:4-12; Mal. 3:10). Para uma discussão sobre o conceito de “casa do tesouro”, leia-se Hermes Tavera Bueno, *El Alfóli Equivocad*, Santo Domingo, Instituto de Investigación Bíblica, 2003, e Angel M. Rodriguez, *Tithing in the New Testament and the Christian Church*, Silver Spring: Biblical Research Institute, 2003. Também para informação acerca do uso do dízimo, das ofertas e de outras dádivas, visite www.nadadventist.org, seleccione Recursos, Departamento, Tesouraria. O leitor também pode encontrar informação valiosa no sítio de mordomia da Divisão Norte-Americana: www.adventiststewardship.org.
17. Ecl. 3:11.
18. Consulte os comentários sobre Atos 5:9 no *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Washington, D.C.: Review and Herald, 1980, vol. 6, p. 178.
19. Atos 6:1-7.

Existe um gene do pecado?

Por que razão todos os descendentes de Adão e Eva, com exceção de Jesus, pecam? Romanos 3:23 diz: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”, um tema reiterado em Romanos 5:12: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim, também, a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram.” Comentando Romanos 5:12, um comentário bíblico afirma: “Quando Adão e Eva se rebelaram contra Deus, eles não perderam apenas o seu direito à árvore da vida, o que resultou inevitavelmente na sua morte e na transmissão da morte aos seus descendentes, mas, por causa do pecado também, se tornaram depravados por natureza, diminuindo assim a sua for-

ça para resistir ao Mal. [...] Assim, Adão e Eva passaram adiante, para a sua posteridade, uma tendência para pecar e uma sujeição à sua penalidade, a morte.”¹

Sendo assim, então nós temos um fator herdado que nos coloca em direta oposição ao Senhor. Poderia este fator ser um “gene do pecado”?

Genes

Os genes determinam a nossa constituição física, os nossos traços básicos de personalidade e as nossas aptidões. Eles têm uma enorme influência sobre quem somos e como nos comportamos. Os genes são segmentos dos cromossomas que dirigem a produção de proteínas. Desde 2003 que conhecemos a estrutura química dos nossos genes espalhados pelos 24 cromossomas.²

O material genético humano encontrado em cada célula (exceto nos glóbulos vermelhos) consiste em 3164 mil milhões de unidades chamadas nucleótidos. Toda a informação necessária para formar um ser humano reside na ordem

em que os quatro nucleótidos diferentes estão conectados. Um simples gene contém milhares de nucleótidos e codifica a produção de um ou mais do que um tipo de proteína. Cada um de nós tem aproximadamente 30 000 genes, e conhecemos as funções de, aproximadamente, metade deles. No entanto, os genes ocupam apenas 2% dos nossos cromossomas. Os outros 98% são material “não-gene”, cuja função ainda não é bem compreendida.

Ninguém sabe como se passa de fabricação de proteínas à indução de comportamento e à formação da personalidade, em parte devido à nossa compreensão limitada das funções do cérebro. Toda a atividade do cérebro depende dos movimentos de sinais nervosos entre milhões de células cerebrais. Nos pontos de contacto entre as células nervosas existem espaços chamados sinapses. Os impulsos nervosos não podem passar de uma célula para outra sem neurotransmissores. Suspeitamos que os níveis destes neurotransmissores (produzidos por proteínas) determinam, provavelmente, o modo como pensamentos e como os sentimentos são gerados.

A influência dos genes é claramente visível nas crianças quando elas demonstram aptidões para a arte, a música, a matemática, etc. – todas elas herdadas dos nossos antepassados. No entanto, se entre a nossa herança genética existe uma tendência para o pecado, a grande questão é: *Qual dos 30 000 genes é o responsável?*

Os Genes e a Queda

Depois dos seis dias da Criação, “viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (Génesis 1:31). O Criador procedeu a uma exaustiva revista de todos os aspetos da Criação, perspetivando-a

do ponto de vista biofísico, bioquímico, fisiológico, ecológico, inter-relacional e sociológico. Portanto, podemos assumir que não havia nada de errado com Adão e Eva quando saíram das mãos do Criador. Eles não podiam ter sido criados com uma tendência para pecar. Pelo que devemos olhar para a história do primeiro pecado na busca de pistas que nos indiquem como é que a “tendência para pecar” foi adquirida.

Na história da Queda, narrada em Génesis, a única consequência do pecado foi que os olhos de Adão e Eva “foram abertos” (Gén. 3:7) e eles tomaram consciência da sua nudez. Na ausência de informação

nosso cabelo ou a forma do nosso nariz); nós não a escolhemos. Portanto, se tivéssemos um “gene do pecado”, o comportamento pecaminoso poderia ser considerado como um produto irresistível e natural da natureza humana. Para tornar o cenário ainda pior, alguns textos bíblicos parecem reforçar o argumento segundo o qual o pecado tem uma base genética. “Pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso, também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal” (Jer. 13:23). Felizmente, este texto também pode ser compreendido como dizendo que o comportamento pecaminoso se

Nós temos um fator herdado que nos coloca em direta oposição ao Senhor.

adicional, a “abertura dos olhos” é uma frase difícil de compreender, mas ela não implica de modo nenhum uma súbita diminuição da estatura moral de Adão e Eva.

O que lhes aconteceu depois do pecado? Talvez o Senhor tenha modificado os genes de Adão e Eva, de modo que, agora, as naturezas do primeiro casal se tornaram naturezas pecadoras? Embora isto seja possível, é mais seguro ficarmos dentro dos confins da narrativa bíblica. Além disso, será que podemos mesmo acreditar que o Criador de tudo o que é bom e maravilhoso iria rebaixar-Se a romper a Sua própria Criação?

Seja o que for que tenha acontecido no Éden, na Queda e depois dela, a noção de que nós temos uma compulsão para pecar inscrita na nossa estrutura é, de facto, perturbadora. A expressão dos genes é automática (como a cor do

tornou tão natural, que se tornou semelhante a características determinadas geneticamente, razão porque pecamos com tanta facilidade. Isto faz mais sentido do que ver neste texto evidências da existência de um gene do pecado.

Existem genes de pecado?

De facto, os argumentos contra a noção de um gene do pecado são mais impressionantes do que os argumentos a seu favor. Se o pecado tivesse uma base genética, o Criador seria responsável pela nossa natureza pecadora. O juízo sobre o comportamento pecador constituiria um arremedo de justiça escarnekedor. Mesmo nos tribunais terrestres, um comportamento aberrante baseado em causas fisiológicas é tratado com compaixão.


Além do mais, não haveria um modo conhecido de parar de pecar e a conversão poderia apenas ocorrer com uma mudança genética. Normalmente, nós vivemos toda a nossa vida com os nossos genes herdados; o comportamento não altera os genes.³ Alguém pode argumentar que o Senhor pode, sobrenaturalmente, alterar o suposto gene do pecado. Mas, após uma tal mudança, o indivíduo convertido seria incapaz de pecar de novo, a menos que houvesse outra mudança genética, só que agora na direção errada.

Para além disso, se um gene do pecado fosse identificado, então alguma forma de terapia genética poderia curar esse problema, como ocorre com qualquer outra doença causada por genes deficientes. Não haveria razão para

se pensar que a graça salvadora de Deus era necessária para a reforma do caráter.

Então, como poderíamos nós explicar a natureza sem pecado de Jesus, senão dizendo que Ele, ou nascera sem o gene do pecado, ou era uma espécie de mutante, incapaz de pecar? Nenhuma destas duas opções parece ser satisfatória, especialmente quando consideramos que o Salvador também deve ser o nosso Exemplo.

Se o pecado não é passado de uma geração para a seguinte através dos genes, a outra única possibilidade pareceria ser as influências do meio ambiente. Mas a ideia de que o pecado é o resultado de influências externas abre o caminho para o desculparmos. Além do mais, podem ser dados exemplos de que o pecado pode ocorrer num



**Embora sejamos
geneticamente
programados para buscar a
sobrevivência e o conforto,
podemos controlar até que
ponto respondemos às
nossas pulsões internas.**

ambiente perfeito (o Jardim do Éden) e não precisa de ocorrer necessariamente em ambientes perversos (veja-se Jesus, que cresceu em Nazaré).

O pecado só é pecado se se origina de uma escolha livre. Se o nosso comportamento pecaminoso é forçado por forças internas ou externas irresistíveis, ele pode ser desculpado. Por exemplo, existe uma doença geneticamente determinada chamada Síndrome de *Tourette*. Associada a esta doença verifica-se no paciente uma maneira de falar profana e insultuosa. Existem também casos documentados em que traumatismos de cabeça levaram a profundas alterações na personalidade, de tal modo que pessoas que, antes, eram responsáveis, se tornaram irresponsáveis e imerecedoras de confiança.

Autopreservação

A natureza do pecado que tudo penetra sugere certamente o elemento genético, por mais irrazoável que seja, de um gene do pecado. Contudo, e se o comportamento pecaminoso fosse causado não por um, mas pela combinação de vários fatores, alguns dos quais genéticos? Mais ainda, os componentes genéticos não imporiam o comportamento pecaminoso, mas apenas nos predisporiam a ele, deixando-nos capazes de decidir se pecaríamos ou não.

Consideremos o gene do pecado chamado *egoísmo* – a promoção do interesse próprio acima das necessidades de outros. Na realidade, este pecado pode ser descrito como uma expressão deturpada da autopreservação, sendo o nosso instinto para o pecado da autopreservação o fator genético. Durante muitos anos, estudei as modificações bioquímicas na bactéria *Escherichia coli* após a sua exposição a substância redutora *thioglycerol*.

Reparei que o *thioglycerol* inibe ou abranda o crescimento desta bactéria, e decidi estudar como isso acontece.⁴ Revelou-se que a bactéria unicelular toma medidas extremas para se livrar dessa substância agressora.⁵ Agora sabemos que, mesmo nesta simples bactéria, existe uma rede de genes desenhados para defender a célula contra os efeitos de súbitas explosões de calor, frio, pressão externa e outras numerosas mudanças ambientais.⁶ Por outras palavras, a vontade de viver está inscrita pelo Criador nas próprias fibras de cada organismo.

Também Adão e Eva foram criados com este instinto de autopreservação. Enquanto eram sem pecado, sentiam-se seguros dentro dos limites amigáveis do Éden. Mas após o seu pecado, ao estarem face a face com um futuro incerto e com uma eventual condenação à morte, os seus instintos de sobrevivência rapidamente tomaram conta da situação. Eles esconderam-se do Senhor e tentaram afastar o fardo da culpa para longe de si.

Nós também lidamos diariamente com o nosso instinto de sobrevivência. Isto instiga-nos em cada situação com que nos defrontamos a escolher o percurso mais vantajoso para nós. Mas aqui temos uma verdadeira escolha a fazer: não somos compelidos a beneficiar-nos em todas as ocasiões. A este nível, é pedido aos seguidores do Mestre que pratiquem a autonegação em favor dos outros.

De facto, diz-nos Paulo, o Cristão é chamado a morrer diariamente para o eu (I Co. 15:31), porém até ele próprio confessou: “Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha

contra a lei do meu entendimento” (Rom. 7:21-23).

A “lei” a que Paulo aqui se refere bem pode ser o nosso egoísmo intrínseco, mas sem um gene do pecado. Embora sejamos geneticamente programados para buscar a sobrevivência e o conforto, podemos controlar até que ponto respondemos às nossas pulsões internas. Não somos peões impotentes nas garras dos nossos genes.

Conclusão

Enquanto estivermos nesta Terra, enfrentando incertezas, envelhecimento e morte, teremos que lidar com o egoísmo – um pecado tão difundido como a gravidade. Mas, como às águias são dadas asas para combaterem a gravidade (Isa. 40:31), o filho de Deus tem acesso ao Espírito Santo para vencer o egoísmo (Rom. 8:9-11). Apenas na Terra criada de novo, quando for removida a perspectiva de doenças que ameaçam a vida e a perspectiva da morte, seremos nós libertados das negras consequências do nosso instinto para sobreviver. ✦

• G. T. Javor

Professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de Loma Linda

1. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Washington, DC, Review and Herald, 1957, vol. 6, p. 531.
2. O grosso da sequência genómica dos cromossomas humanos foi publicado em 2001: J. D. McPherson *et al.*, “A Physical Map of the Human Genome”, *Nature*, 209, pp. 934-941; e J. C. Venter *et al.*, “The Sequence of the Human Genome”, *Science*, 291, pp. 1304-1351. Artigos adicionais foram publicados no número de 24 de abril da *Science* e no número de 24 de abril da *Nature*.
3. As exceções a esta regra são a exposição a radiação ou a substâncias mutagénicas.
4. K. Jensen e G. T. Javor, “Inhibition of *Escherichia coli* by *Thioglycerol*”, *Antimicrobial Agents and Chemotherapy* 19, 1981, pp. 556-561.
5. G. T. Javor, “Depression of Adenosylmethionine Content of *Escherichia coli* by *Thioglycerol*”, *Antimicrobial Agents and Chemotherapy* 24, 1983, pp. 860-867; G. T. Javor, “Thiolsensitive Genes of *Escherichia coli*”, *Journal of Bacteriology* 171, 1989, pp. 5607-5613.
6. E. C. C. Lin e A. S. Lynch, *Regulation of Gene Expression in Escherichia coli*, Georgetown, TX e New York, NY, R. G. Landers and Chapman & Hall, 1996.

Consagrados um ao outro e a Cristo

O casamento no plano de Deus

Na Criação, Deus deu ao Homem, criado à Sua imagem, duas instituições que deveriam proporcionar-lhe grande felicidade: o Sábado, para se deleitar na contemplação da Criação e no seu relacionamento com Deus, e o casamento, o mais profundo de todos os relacionamentos humanos, que faculta o privilégio de partilhar com o Criador, na procriação, a criação de novos seres. Mas, com a entrada do pecado, e tendo cedido a Satanás o domínio sobre a Terra, o Homem viu estas duas instituições serem o alvo predileto do inimigo na sua luta contra Deus e contra o Homem. No que toca ao Sábado, o ataque de Satanás transformou-se numa luta que já tem milénios; quanto ao casamento, os ataques de Satanás deram origem a uma guerra que se tem intensificado, dentro e fora da Igreja, em especial nos últimos tempos. A situação é tão grave que muitos, hoje, mesmo com o conhecimento da verdade, se interrogam se valerá a pena entrar na aliança matrimonial ou se não é melhor deixar-se ir na corrente, como faz, cada vez mais, a maioria no mundo.


Por tudo isto, e perante os desafios dos nossos dias, podemos dizer, mais do que nunca, que não pode haver casamentos cristãos fe-

liz se estes não tiverem sido verdadeiramente consagrados a Cristo. Só assim poderão os cônjuges consagrarem-se um ao outro, até que a morte os separe. O casamento hoje é, muitas vezes, sinónimo de egoísmo, de conhecimento mútuo superficial, de interesses profissionais e sociais antagónicos, de atração física fútil e passageira. Daí a sua duração média: 3 anos! Não foi esse o plano de Deus para a mais importante sociedade humana. Ao criar a mulher como o fez (Gén. 2:18), o Criador colocou o homem e a mulher, desde a sua origem, num plano de igualdade, devendo o homem considerar a mulher como parte de si mesmo e tratá-la como trataria a si mesmo e vice-versa. O objetivo de Deus era fazer duas pessoas felizes, as quais, partilhando a vida juntas, poderiam assim provar as mais ricas alegrias. Infelizmente, Adão e Eva separaram-se por instantes e entrou o pecado. Este trouxe consigo a doença e a morte do casamento, as quais têm como principal causa o adultério (mas também a violência doméstica, fisi-

ca e verbal, a que até os casamentos ditos cristãos não estão imunes).

O que é e não é o casamento

Desta forma, lembremos o que o casamento não é. Não é uma relação desnecessária e temporária; não é uma invenção de origem humana; nem é um obstáculo na carreira cristã. É uma instituição divina, criada para a felicidade do Homem. Ellen White escreve: "Jesus deseja ver casamentos felizes e lares felizes" (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 99). Naturalmente, Satanás deseja o contrário. Como consegue ele atingir os seus objetivos? Procurando desequilibrar o casamento no seu tríplice aspeto. Se o casamento for fundado apenas no aspeto da atração física, na paixão, acaba por esgotar-se. Se for fundado apenas no aspeto intelectual, nos interesses comuns, acaba por gerar afetação, vaidade e conflitos constantes. Por último, se o casamento for fundado apenas no plano espiritual, acaba por se traduzir em aridez e desinteresse, dado que a natureza humana tem exigências que não podem ser



O casamento
é uma
instituição
divina,
criada para a
felicidade do
Homem.

satisfeitas apenas pelo exercício do espírito. Desta forma, a harmonia no casamento terá sempre que ser conseguida na conjugação, o mais perfeita possível, deste seu tríplice aspeto.

Alguém disse que há duas maneiras de se estar unido no casamento: enregelados ou aquecidos (fundidos um no outro). Fundidos como? Fisicamente (pela expressão do privilégio da procriação e da dádiva mútua); nos interesses materiais e sociais; na forma de educar os filhos (por uma parceria ativa); nas tarefas rotineiras de cada dia; na oração; na preparação para a vida eterna. Ellen White lembra que “alcançar a devida compre-

ensão matrimonial é obra de uma vida inteira. Os que casam ingressam numa escola onde nunca nesta vida se diplomarão” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 105). Nenhum casamento bem-sucedido vem por acaso. Requer uma obra feita lado a lado, consideração mútua e sacrifício, amadurecendo juntos para a vida. É este relacionamento centrado em Cristo que os casais Adventistas devem mostrar ao mundo, o qual se está a afundar na sua crise final também no que toca à família. Lembremo-nos de que “o mais agradável símbolo do Céu é um lar presidido pelo Espírito do Senhor” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 15). Só em Deus existe o verdadei-

ro amor e, a menos que esse amor esteja instilado na vida conjugal, na vida do lar, o Cristianismo professado não passará de uma ilusão, até mesmo de uma mentira. Só os casamentos e os lares consagrados a Cristo farão a diferença na sociedade e estarão aptos para darem um verdadeiro testemunho cristão.

Não há casamento sem conflitos. Estes são naturais entre pessoas de sexo e sensibilidade diferentes e, muitas vezes, de cultura, educação e até de nacionalidade diferentes. Como resolver os conflitos no dia-a-dia? O repórter de um jornal, que fazia a cobertura das bodas de ouro de dois dos cidadãos mais idosos da sua cidade,



perguntou qual a razão da excelente aparência e do ar saudável do marido. “Quando a minha mulher e eu éramos recém-casados”, respondeu o marido, “fizemos o pacto de mantermos sempre a harmonia. Mas decidimos que, se algum dia entrássemos em discussão, eu sairia de casa para nos acalmarmos. Assim, creio que devo atribuir a minha saúde e longevidade a uma vigorosa vida ao ar livre!” Certamente esta não será a solução ideal para os conflitos conjugais... A solução encontra-se na regra áurea do amor, a regra dos setenta vezes sete, de que falou Jesus, o perdão sem limites. “Porque o amor cobrirá uma multidão de pecados” (I Pedro 4:8). Com tal amor, que só pode existir na união do casal com Cristo, as feridas serão saradas, os erros esquecidos e a impaciência perdoada.

Alguns segredos para alcançar a felicidade conjugal

Gostaria de partilhar consigo alguns segredos, já bem experimentados, para a felicidade e a consagração conjugal mútuas. São segredos que resultam da experiência conjugal de 55 anos de quem escreve estas linhas.

Em primeiro lugar, é necessário *preservar a unidade a todo o custo*. Disse Jesus: “Não são mais dois, mas um só.” Pensar juntos, andar juntos, planear juntos, ter espe-

ranças juntos, orar juntos. “Dê cada um amor em vez de o exigir” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 107). Palavras de amor, atos de amor, interesse mútuo, tolerância mútua, mútuo perdão.

Em segundo lugar, é necessário *confiar*. O casamento é uma cidadela onde se exercita a confiança mútua em todos os aspetos da vida, guardando-se das influências estranhas que geram a perturbação e a dúvida. A serva do Senhor escreve que “há um círculo sagrado em torno de cada família que deve ser preservado. [...] A esposa não deve ter segredos que guarde do marido e permita que outros conheçam, e o marido não deve, igualmente, ter segredos para com a esposa e torná-los conhecidos a outros. O coração da esposa deve ser a sepultura das faltas do marido e o coração do marido a sepultura das faltas da esposa” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 177).

Em terceiro lugar, é preciso *resolver imediatamente as desavenças*. Já vimos que estas são naturais, mas não têm que ser intransponíveis. Convém nunca deixar que a noite caia sobre elas (Efé. 4:26). Alguém terá de ceder... De preferência os dois (Efé. 4:1-3)! Há um provérbio árabe que diz: “O pescoço é partido pelo cutelo, mas só o amor vence o coração.”

Em quarto lugar, deve-se *deixar que o amor vença*. As feridas serão saradas, os erros esquecidos, a impaciência perdoada. Lembremo-nos

sempre de que “mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”.

Por último, em quinto lugar, é necessário *deixar que Deus dirija a união matrimonial*. Unidade de culto, de devoção, de sacrifício, farão mais do que qualquer outra coisa para manter o casal unido e feliz e para assegurar um casamento duradouro. “Fazei de Cristo, em tudo, o primeiro, o último e o melhor. [...] E ao crescer o vosso amor por Ele, também o vosso amor mútuo há de crescer, aprofundar-se e fortalecer-se” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 105). É verdadeiramente na vida conjugal que o Cristão demonstra que o é e é nela que pode ganhar ou perder a vida eterna.

Numa época em que o mundo adora o eu, a fama, o luxo, o dinheiro, a permissividade na educação dos filhos e toda a espécie de ídolos, nós, Cristãos Adventistas do Sétimo Dia, somos chamados a viver a nossa fé de uma forma especial na nossa vida conjugal e no nosso lar, dizendo como Josué: “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (Jos. 24:15).

Sim, estou certo de que ainda é possível, hoje, haver maridos e mulheres consagrados uns aos outros. Como também é possível um lar feliz e duradouro. Tão-somente se esteja disposto a deixar que Cristo ocupe, no casamento e no lar, o lugar a que tem direito. ✠

• Samuel Ribeiro
Médico Pediatra

O Comitê sobre a Teologia da Ordenação termina a sua primeira sessão

O Comitê Sobre a Teologia da Ordenação (CSTO) terminou a sua primeira sessão, que teve lugar de 15 a 17 de janeiro de 2013, num local de reuniões próximo da sede mundial da Igreja, em Silver Spring, EUA. “Temos uma verdadeira esperança de que a Igreja será capaz de resolver as divergências que tem sobre o assunto da ordenação ao ministério”, disse Artur Stele, diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Conferência Geral. O Comitê Administrativo da Conferência Geral organizou o CSTO em outubro de 2012 para que este estudasse o conceito de ordenação a partir de uma perspectiva bíblica e também para determinar se a ordenação se deve limitar aos ministros do sexo masculino. O CSTO é integrado por 106 membros, incluindo teólogos, leigos, pastores, e estudiosos da Bíblia de cada uma das 13 Divisões mundiais da Igreja. Cerca de 25% dos membros são mulheres. Nas reuniões foram apresentados ensaios por parte de membros do CSTO sobre os vários aspetos da questão da ordenação. Após cada apresentação, todo o Comitê pôde discutir o material apresentado. No segundo dia, o Comitê dividiu-se em pequenos grupos para refletir e desenvolver sugestões e fazer recomendações sobre os ensaios apresentados. A partir destas sugestões e recomendações, os autores dos ensaios



irão modificá-los, sendo enviado um segundo rascunho para os Comitês de Pesquisa Bíblica das 13 Divisões e para todos os membros do CSTO, para que possam preparar a próxima reunião. Esta está marcada para ter lugar em julho de 2013.

ANN/RA

A Rádio Mundial Adventista expande o seu alcance e a frequência dos seus programas

A Rádio Mundial Adventista (RMA) irá aumentar a frequência ou a duração de vários dos seus programas na Ásia e na África. Numa reunião recente da direção da RMA, os líderes aprovaram um aumento de cerca de 600 000 dólares no orçamento de emissão, para financiar programas nas línguas locais. O orçamento de emissão do ano passado esteve perto de 3,3 milhões de dólares.



Esta decisão irá aumentar as horas de emissão em cerca de 20% para mais de 32 000 horas. Esta ação aumenta especificamente a programação em 21 línguas, que os diretores regionais da RMA identificaram como estando insuficientemente servidas. Estas línguas incluem Amharic, Somali, Panjabi e Urdu. A RMA está também a planear aumentar a programação e o desenvolvimento das suas estruturas, de modo a que as emissões alcancem mais eficientemente Myanmar, o Butão e o Paquistão. O alcance da estação de Guam também está a ser expandido. Em Guam existem, presentemente, várias antenas gigantescas que emitem, para a Ásia, programação em mais de 30 línguas.

Entretanto, a 12 de novembro de 2012, um programa Adventista foi emitido pela primeira vez numa estação de rádio FM, na Índia. O programa foi produzido pela RMA na língua Telegu e foi emitido numa estação em Hyderabad, a capital do estado de Andhra Pradesh. A RMA assinou um contrato com essa agência emissora para a transmissão de uma série inicial de 11 programas em Telegu. Emissões adicionais em Hindi e Inglês seguir-se-ão noutras grandes cidades da Índia, como Mumbai, Kolkata, Bangalore, Pune, Delhi e outras, à medida que os recursos financeiros o permitam.

ANN/RA

Alunos do CAOD vivem um Natal Solidário

Sim, vivemos momentos de crise. Apesar disso, temos muitas razões para nos sentirmos abençoados por Deus e sentirmos desejo de ajudar quem mais precisa. Vivendo este espírito natalício, o Colégio Adventista de Oliveira do Douro convidou os seus alunos e os respetivos encarregados de educação para uma iniciativa de apoio aos sem-abrigo da cidade do Porto, que consistiu na angariação de alimentos e agasalhos e na distribuição de um pequeno-almoço e de um jantar. Esta foi uma organização conjunta com a Coordenação Regional Norte da ADRA e com os seus núcleos do Porto e de Oliveira do Douro, tendo contado com a presença e o forte envolvimento da comunidade escolar.

Foi na manhã do dia 16 de dezembro de 2012, bem cedo, que mais de meia centena de alunos e seus familiares se juntaram ao grupo de docentes e não docentes do CAOD para prepararem um pequeno-almoço quente e saudável. Dirigido pelos irmãos Paulo Gomes e Álvaro Bastos, da Coordenação Regional Norte da ADRA, este grupo percorreu as ruas do Porto e distribuiu alimentos e sorrisos aos sem-abrigo que acordavam então para um novo dia.

Enquadrada ainda nesta programação solidária e natalícia, o CAOD cedeu



as instalações do seu refeitório à Coordenação Regional Norte da ADRA, que organizou um jantar de natal destinado aos sem-abrigo, na noite do dia 25 de dezembro. Nós, os alunos da turma do 9º Ano, na tarde do dia 30 de dezembro, ajudámos a equipa da ADRA

de Oliveira do Douro a confeccionar os alimentos anteriormente recolhidos no colégio. De seguida, jantámos em conjunto e, vestidos os coletes da ADRA, entrámos nos carros em direção à Avenida dos Aliados. Nesta primeira paragem, encontrámos um grande número de carenciados que apareciam de todos os lados para comer uma refeição e recolher alguns agasalhos. Alguns contaram-nos que já não comiam uma refeição quente há 24h.

A segunda paragem foi junto ao hospital de Santo António, onde, para além dos adultos, também muitas crianças esperavam por comida. Nas restantes paragens verificou-se a mesma situação. As pessoas não tinham as mesmas necessidades: havia as que precisavam mesmo daquela refeição, outras precisavam de roupa, mas todas precisavam de uma palavra amiga.

Na generalidade, foram simpáticos e, apesar de tudo, mostravam um sorriso. Possivelmente, algumas destas pessoas estão na rua em resultado da situação que o nosso país atravessa; no entanto, outras poderão estar na rua devido a problemas mais pessoais. Apesar de sermos uma sociedade aparentemente desenvolvida, continua a existir um grande número de excluídos, que necessitam da ajuda de todos nós. Devemos tornar verdadeiro o ditado que diz: "Natal é quando o Homem quiser" e lembrar o dia-a-dia destes sem-abrigo como se fosse sempre Natal. Aqui fica a opinião de alguns dos participantes nestas atividades solidárias:

Catarina Lobo, 8º ano: "Um espírito mútuo de união entre irmãos." **Pedro Sousa, 7º ano:** "Foi extraordinário e com um ambiente agradável." **Nuno Fonseca, 5º ano:** "Foi um dia muito educativo." **Cristina Ferreira, 9º ano:** "Esta experiência agradou-me muito e quero voltar a repetir."

Esta é uma atividade a repetir durante este ano de 2013 e para a qual os alunos e os seus familiares estão disponíveis, pois sentem desejo de abraçar o projeto de "Construir... o Eu, o Outro e o Mundo".

Alunos da turma do 9º Ano do CAOD



Encontro de colportores

Uma reunião de colportores, onde se vivem e trocam experiências, onde se pode dar glórias ao nosso Deus pelo trabalho que Ele nos permitiu realizar, é sempre gratificante. Foi isso que se passou no CAOD, no dia 27 de dezembro do ano transato. O livro de Ester – mulher de fé, integridade e coragem – foi uma escolha sábia para a meditação trazida pelo Pastor Artur Machado. Orámos, abrindo o coração ao Senhor, agradecendo as Suas muitas bênçãos. Suplicámos o derramamento do Espírito Santo. Não podemos esquecer o bellissimo almoço

que pudemos desfrutar em conjunto. O irmão Paulo Machado apresentou a palestra “Irrefutáveis Leis para Resultados Diferenciadores”. É preciso meditar neste tema porque, se à nossa volta muitas coisas podem ser desencorajadoras, um espírito voluntarioso poderá fazer a diferença. Depois de escutarem esta palestra, todos os colportores saíram da reunião com o ânimo reforçado para empreenderem a missão de levar a página impressa aos lares do nosso país.

Rute Ferreira
Adjunta do Departamento de Publicações

Solidariedade no Externato Adventista do Funchal

Ser solidário é a melhor atitude que podemos oferecer ao nosso próximo. A época natalícia faz reaparecer dentro de cada um a vontade de fazer a diferença na vida dos que nos rodeiam. Em 2012 toda a comunidade escolar se envolveu numa recolha de géneros (alimentos, roupa, produtos de higiene e brinquedos) para fazer face às dificuldades que assombram a vida de muitas pessoas. Ajudámos famílias de alunos da nossa escola, que muito nos preocupam, e outras famílias que já estavam a ser apoiadas pelas Dorcas. Desejamos continuar este nobre trabalho e pedimos a Deus que abençoe grandemente a nossa escola para que a solidariedade viva, para sempre, no nosso coração.

Daniela Moreira
Diretora Pedagógica do Externato Adventista do Funchal

Setúbal

Solidariedade no Colégio Adventista de Setúbal

Quando começa a época natalícia, o espírito solidário costuma ter outro vigor. Os alunos do Colégio Adventista de Setúbal quiseram aproveitar esta época para estreitar os laços de afeto e cooperação com a comunidade. Uma mãe confeccionou com muito carinho alguns bolos-rei, que foram cuidadosamente embrulhados e aos quais se juntou uma revista *Sinais dos Tempos*.

Os nossos alunos distribuíram este presente pelos vizinhos, ao mesmo tempo que entoavam cânticos de Natal. Dado que a nossa vizinhança é maioritariamente idosa, as crianças ofereceram-se para, durante o ano, prestarem algum serviço regular (recolher o lixo semanalmente, varrer o pátio, fazer visitas sistemáticas e contar histórias). Depois das férias de Natal, os nossos alunos disponibilizaram-se para fazer uma recolha de brinquedos a serem doados às crianças mais carenciadas.

Marta Machado
Diretora Pedagógica do Colégio Adventista de Setúbal

LAPI-Sul

Festa de Natal no LAPI-Sul

Mais um Natal teve lugar. Assim, no dia 22 de dezembro de 2012, pelas 16 horas, demos início à apresentação dos cânticos, poemas, jograis e da peça de teatro ensaiada durante as atividades de animação sociocultural. Contámos com a participação dos colaboradores do lar com dois cânticos e um jogral. As nossas famílias deram-nos a alegria da sua presença nesta festa. Tal como em todas as casas do nosso país, tivemos que fazer todos os preparativos para melhor festejarmos o Natal. Assim, embelezámos os vários espaços do Lar, não nos esquecendo de montar a nossa árvore de Natal. Mas, nesta época, também gostamos de comer alguns doces típicos, pelo que fizemos broas de batata-doce para colocar na mesa. No dia 24 de dezembro tivemos a visita do Pai Natal, que nos veio entregar os presentes. Os funcionários também receberam uma pequena lembrança.

Joana Torres Costa
Diretora Técnica do LAPI-Sul

Porto

Festa da ADRA-Porto a favor dos mais carenciados

Disse o grande historiador e escritor português Alexandre Herculano que “o segredo da felicidade é encontrar a nossa alegria na alegria dos outros”. No dia 29 de dezembro de 2012, a Juventude Adventista da Igreja



ASD do Porto e a ADRA-Porto organizaram uma festa para ajudar famílias carenciadas da cidade invicta. Foi grande a afluência de pessoas que participaram, tanto na organização, como no recebimento dos cabazes que foram distribuídos. Ficou bem expressa a alegria das pessoas que foram auxiliadas a fazer face às dificuldades que enfrentam no seu quotidiano. O Gonçalo, um menino com apenas 6 anos, exprimiu bem a receptividade dos convidados diante das ofertas que lhes eram feitas: “Eu venho com esta mochila às costas porque a ADRA do Porto vai dar alimentos e alguns brinquedos para a nossa família.” Tal como o Gonçalo, muitas outras crianças tiveram um dia mais feliz graças a esta iniciativa. Outras se seguirão.

Álvaro Bastos
Departamento de Comunicação da IASD do Porto

Batismos na igreja de Pedroso

No Sábado, 29 de dezembro, em Canelas, duas almas tomaram a decisão de entregar a sua vida ao Senhor. O irmão Cipriano Álvaro Marques Almeida renovou



o seu compromisso com Jesus e a irmã Angelina Raquel Freitas da Silva, com as suas radiantes 14 primaveras, também quis entregar a sua vida a Cristo. Ao som de "Oh, que belos hinos", o mergulhar na água e as solenes palavras do Pastor Daniel Gouveia transformaram estes dois seres em verdadeiros filhos do Pai Celeste. Na hora de receberem os certificados, o irmão Cipriano desejou que fosse a sua esposa, a irmã Rosinha, a entregá-lo. A Raquel pediu que fosse a irmã Rute Ferreira a entregar o seu certificado, já que foi ela que a conduziu e preparou para o



batismo. Tivemos o contributo musical das igrejas de Pedroso e Canelas. Desejamos aos nossos novos irmãos muitas vitórias em Cristo.

José Fonseca
1º Ancião da Igreja de Pedroso

Guimarães

Bodas de prata na igreja de Guimarães



"Deixará o homem o seu pai e a sua mãe e unirá-se à sua mulher e serão ambos uma só carne" (Génesis 2:24). A or-

dem de Deus era muito clara e simples. No entanto, nos dias que correm, são poucos os casais que conseguem atingir esta unidade. Felizmente, dentro da Igreja, o panorama não é o mesmo, apesar das inúmeras tentações e ciladas que o inimigo lança aos casais para os destruir. Deus está ao leme, a dirigir cada família da Sua Igreja.

Prova disso foi a cerimónia que se realizou no Sábado, 22 de dezembro de 2012, na igreja de Guimarães. O irmão António (Toju) Moreira e a irmã

Iolanda Moreira completaram uma caminhada de 25 anos de vida em comum e fizeram questão de comemorar as suas bodas de prata com toda a igreja. Numa cerimónia muito emotiva, oficiada pelo Ir. Domingos Freixo, o casal renovou os seus votos matrimoniais e trocou alianças, sob o olhar atento de familiares e amigos. Foram, de facto, momentos de alegria, mas, acima de tudo, momentos para agradecer a Deus por continuar a abençoar as famílias da Sua Igreja.

Tânia Moreira
Secretária da IASD de Guimarães

Portimão/Lagoa

Festa de Natal e batismos em Portimão e Lagoa

No Sábado, 22 de dezembro de 2012, realizou-se uma bela festa espiritual nas igrejas de Portimão e de Lagoa. De manhã, a igreja de Portimão teve a oportunidade de realizar um culto de adoração tendo como motivo o nascimento de Jesus. Todos puderam partilhar da alegria que sentiram os magos ao virem adorar o Menino, em Belém. De tarde, realizaram-se batismos na igreja de Lagoa. Diante da congregação, que reunia irmãos de Lagoa, Portimão e Lagos, duas preciosas almas desceram às águas batismais: a irmã Manuela

Braz, de Portimão, e o irmão Clemente García, de Lagos. Após a cerimónia de batismo, foi feito um apelo e muitas visitas mostraram o desejo de serem batizadas numa



próxima oportunidade. A tarde terminou com um momento de confraternização, um lanche, preparado pelas nossas irmãs para todos os participantes. Louvado seja Deus pelo envolvimento missionário de todos!

Pr. Luis Carlos Fonseca

Dia de Reis da JÁ do Porto

A Juventude Adventista do Porto realizou um programa no domingo, 6 de janeiro, Dia de Reis, para as crianças da Associação Protetora da Criança, em Valadares, Vila Nova de Gaia. Além da entrega de alguns presentes de Natal, houve também a partilha de uma mensagem espiritual e momentos de louvor através da música e da poesia. Foi uma experiência muito enriquecedora para todos os jovens Adventistas que participaram. Eis alguns testemunhos: “Foi um enorme privilégio poder fazer parte da equipa que levou o programa



de Natal, no domingo de Reis, aos meninos e jovens da Associação Protetora da Criança. Senti que vim muito mais

enriquecida. Lembrei-me de que, um dia, Jesus disse: ‘Sempre que o fazeis a um destes Meus pequeninos, a Mim o fazeis’ (Cláudia Neves). “Quando participamos num programa cujo objetivo é ajudar o próximo, isso dá-nos uma satisfação enorme” (Américo Silva). “Sei que ficaram contentes com os presentes que lhes levámos. Fiquei comovida, mas também feliz, por fazer parte desta causa” (Rafaela Amaral).

Álvaro Bastos
Departamento de Comunicações
da IASD do Porto

Descansou no Senhor

PEDROSO



No dia 21 de dezembro de 2012 faleceu a nossa irmã Maria da Silva Pereira, após doença prolongada. Tinha 74 anos. Foi batizada em 1968, na igreja de

Oliveira do Douro, pelo pastor Marcelino Viegas. Era membro da igreja de Pedroso desde 2003. Deixa o marido, uma filha e dois filhos, genro, noras e netos, a quem endereçamos as nossas sentidas condolências. Mas nós aguardamos com expectativa a breve volta de Jesus. Damos muitas graças a Deus pela certeza que nos dá de que “todo aquele que vê o Filho, e n'Ele crê, tenha a vida eterna”, pois Deus o irá ressuscitar no último dia (João 6:40).

Rute Ferreira
IASD de Pedroso

VILA NOVA DE GAIA

Faleceu no dia 4 de janeiro de 2013 a irmã Deolinda Belo Rita Borgas, com 90 anos. Depois de ter passado grande parte da sua vida em Angola, retornou a Portugal em 1975, tendo-se instalado em Santarém. Após enviuvar, a nossa irmã descobriu na sua leitura da Bíblia que o Sábado, e não o domingo, era o dia santificado por Deus para ser observado pela Humanidade. Alguns anos depois foi contactada, casualmente, por um colportor, a quem perguntou se conhecia alguém que guardasse o Sábado. O nosso irmão colportor identificou-se como sendo Adventista do Sétimo Dia e encaminhou a irmã Deolinda Borgas para a igreja ASD de Santarém. Depois de estudos bíblicos com a irmã Maria Rosa, a irmã Deolinda Borgas foi batiza-

da em 26 de julho de 1980 pelo Pastor Alberto Nunes, passando a integrar a igreja ASD de Santarém. Porque gostava de ensinar, a irmã Deolinda colaborava frequentemente na igreja como monitora da Escola Sabatina. Passados alguns anos, pediu a transferência para a igreja ASD de Vila Nova de Gaia, onde viveu várias experiências missionárias marcantes. Veio a terminar os seus dias no LAPI de Avintes, onde residiu durante os últimos anos da sua longa vida. Aos seus familiares, deixamos as nossas condolências, com a esperança de voltarmos a ver a irmã Deolinda Borgas na manhã da ressurreição.

Manuela Matos
Secretária da IASD de Vila Nova de Gaia



Agora,
aprender
histórias
bíblicas
vai ser
ainda mais
divertido!

Novidade!
Histórias Bíblicas
em Pop-up





A Matemática de Deus

1ª
parte

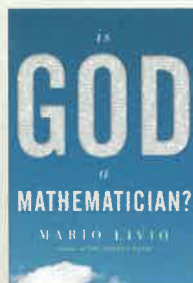
Problemas Matemáticos¹

O cientista e escritor Mário Lívio conta, no seu livro *Será Deus Um Matemático?*,² como, numa sua apresentação perante uma audiência de estudantes, ao fazer esta mesma pergunta, um aluno exclamou espontaneamente: “Espero bem que não!”

Realmente, a maior parte de nós teve problemas com a Matemática em algum momento da vida – normalmente, na escola.

É frequente a Matemática ser a disciplina com maior percentagem de alunos reprovados. Lembro-me bem, nos meus tempos do IST, como as várias Análises Matemáticas (nome dado aos diversos módulos que abordavam a disciplina) eram o terror dos aspirantes ao Diploma de Engenheiro. Mas, a matemática na vida real é algo de muito interessante e que tem fascinado muitos intelectos ao longo dos séculos.

Para nós, Cristãos, é interessante saber que, quando analisada



com detalhe, a matemática é apenas mais uma área da Ciência que aponta para o Criador. Este será o tema desta nova série de artigos que agora iniciamos e em que abordaremos inúmeros aspectos da relação das descobertas matemáticas com as verdades espirituais. E não se preocupem: Não é requerido qualquer conhecimento matemático especial para se poder entender estes artigos e tirar deles benefícios espirituais.

Será Deus um Matemático?

Em relação ao episódio mencionado atrás, o autor conta-nos que “longe de querer definir Deus de forma filosófica ou intimidar os me-

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

nos versados em matemática”,³ apenas pretendia apresentar o verdadeiro mistério que tem intrigado as mentes científicas mais brilhantes. As características de **omnipresen-**

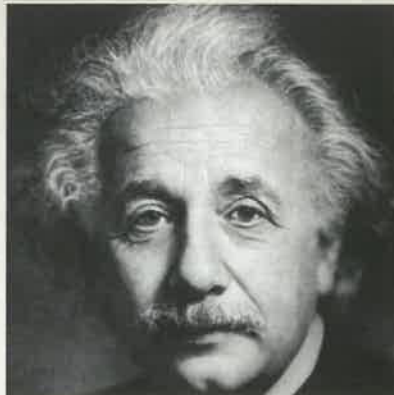


ça (temos encontrado aplicações para a matemática nos temas mais imprevisíveis e diversos) e de **omnipotência** da matemática (onde ela tem êxito, não sobra espaço para dúvidas) são normalmente apenas atribuídas a Deus.

A estas características posso ainda acrescentar a **universalidade** da aplicação da matemática, o seu **absolutismo** (a matemática parece não depender de nada nem de ninguém), a sua **perfeição** (quando consideramos como a matemática nunca erra um cálculo) e, finalmente, o facto de as leis da matemática serem **eternas**, tanto quanto a Ciência pode descortinar.

Como disse um cientista famoso: "O Universo aparenta ter sido desenhado por um matemático puro".⁴ Este é o mistério. Até hoje, nenhum cientista conseguiu apresentar uma explicação para este mistério. Pelo contrário, abundam as citações em que este facto é reconhecido: "A matemática chega a parecer *demasiado* eficaz ao descrever e explicar com igual sucesso não apenas o cosmos, mas também algumas das realizações mais caóticas do ser humano."⁵ O próprio Einstein também se surpreendia com este tema, quando afirmava que "a única coisa incom-

preensível em relação ao Universo é que ele seja compreensível", e a Matemática é a ferramenta que o torna compreensível para nós. O mistério aumenta...

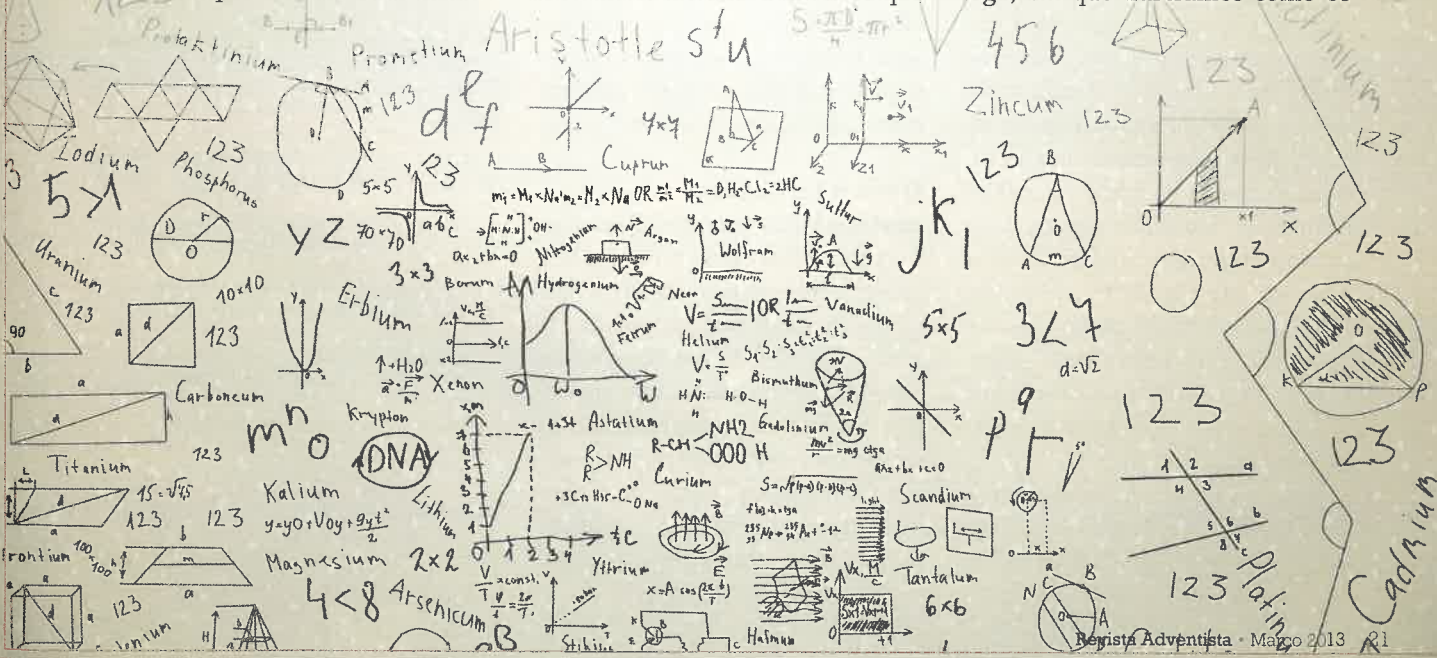
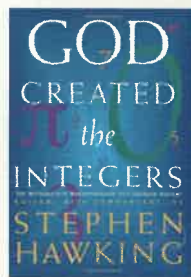


Descoberta ou Invenção?

Perguntar se Deus será um matemático é equivalente a perguntar se a própria matemática foi uma invenção humana ou se, pelo contrário, é algo que já existia antes de ser descoberta pelos cientistas. O tema não está solucionado na comunidade científica. Alguns continuam a resistir ao óbvio. Por exemplo, Stephen Hawking – cientista célebre que já mencionámos em artigos anteriores – decidiu dar o título de *Deus Criou os Números Inteiros*⁶ a um livro que

escreveu, onde expôs os trinta e um grandes avanços da matemática. À primeira vista, pode parecer que ele alinha ao lado daqueles que acreditam que Deus é um matemático e que podemos ver nesta Ciência as Suas impressões digitais. Mas, numa leitura mais profunda, percebemos que ele baseou o título do seu livro na seguinte citação de um matemático: "Deus criou os números inteiros, tudo o resto é obra do homem."⁷ Como se o intelecto do homem não fosse, ele mesmo, uma das obras-primas do Criador...

Pelo que conhecemos do nosso Deus, a partir da Sua revelação na Natureza e na Sua Palavra – conhecimento esse corroborado pelas declarações de reconhecimento dos cientistas que apresentámos, – defendemos que Deus é, também, um matemático, para além de ser o Criador do Universo. A negação da autoria divina da matemática por alguns autores é apenas mais um exemplo de negação de evidências óbvias. Antes de passarmos à conclusão, queremos mencionar um exemplo análogo, em que ilustramos como os



paradigmas vigentes e a ideologia materialista levam os próprios cientistas a assumir posições pouco científicas.

A Teoria da Evolução e a Matemática do Mundo

Ao contrário do que poderíamos pensar ao escutarmos as afirmações dogmáticas que são feitas frequentemente, a teoria da evolução sempre enfrentou oposição com base em argumentos científicos. Felizmente, sempre existiram autores que não se deixaram levar pelas modas e permaneceram firmes no que é a verdadeira Ciência baseada nos factos. Verdadeiros oásis de racionalidade.

No seu início, a teoria da evolução foi desafiada por cientistas que não consideravam que ela acrescentasse muito ao que os princípios físicos já conhecidos podiam explicar. O autor Philip Ball⁸ descreve a situação no tempo de Darwin, em que um outro autor, Darcy Thompson,⁹ se queixava de que o dogma da seleção natural não era apropriado para responder a todas as perguntas sobre a organização da Natureza. Da mesma forma, escreveu Philip Ball, em 1999 (ainda antes da conclusão do Projeto do Genoma Humano, que procedeu ao sequenciamento do código genético humano): “Ouvindo alguns falar sobre este projeto, somos levados a pensar que ele nos trará um manual completo de instruções de como um corpo humano é construído. Mas os biólogos sabem que o projeto não poderá providenciar isso de forma alguma!”¹⁰

Com cada onda de inovação há a tendência para mostrar ao público em geral que a Ciência finalmente

terá todas as respostas. Mas nós sabemos que a realidade é bem diferente e que fazemos bem em manter o nosso ceticismo sobre explicações quase milagrosas que são anunciadas para breve, especialmente quando elas não se encontram em harmonia com a Palavra de Deus.

Durante muito tempo, a observação da natureza matemática das complexas formas da Natureza foi ofuscada pela obsessão com a teoria da evolução. Hoje, com a necessidade evidente de mais uma revisão dessa teoria, deu-se um ressurgimento do interesse neste tipo de trabalhos. Neste caso, ressurgiu o estudo matemático das formas da Natureza, que, quando feito sem ideias pré-concebidas, nos leva mais uma vez à conclusão da existência de designio inteligente na Natureza. Retomaremos este tema em artigos futuros, mos-

trando como a importância das descobertas recentes aponta para o facto de que o paradigma tradicional da genética se está a demonstrar insuficiente para explicar o que observamos, tal como predito por alguns cientistas e tal como poderíamos esperar pelo nosso entendimento da Palavra de Deus.

Deus é também o matemático por excelência

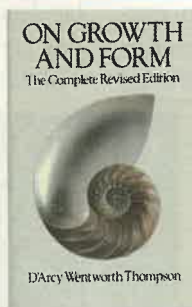
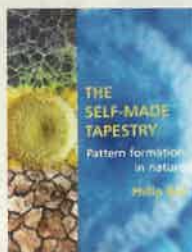
A partir dos elementos apresentados, quero propor algumas alterações à pergunta formulada no início. Em vez de um formato de pergunta, proponho uma afirmação. De facto, não tenho qualquer reticência em afirmar que “Deus é um matemático”. Mas, como Ele é muito mais do que isso – infinitamente mais – proponho acrescen-

tar a palavra “também” e o artigo “o” para O distinguir de todos os outros ilustres matemáticos que têm pisado o nosso Planeta. Por isso, altero a pergunta inicial: “Será Deus Um Matemático?” para a afirmação: “Deus é também o matemático por excelência.” O Criador não usou mecanismos aleatórios e desordenados para criar o mundo, mas sim regras matemáticas, das quais podemos ter pequenos vislumbres ao estudar a matemática. Podemos observar e compreender componentes deste modelo, tendo assim uma revelação da perfeição da Criação de Deus.

O que proponho nos próximos meses é levar o Leitor através dos números contidos na Bíblia, entender o seu significado e extrair deles ensinamentos espirituais na linha do que acabei de mencionar. Tenho na minha frente mais de dez livros sobre o assunto. Mal posso esperar para começar. O convite está feito! †

• **Miguel Mateus**

Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica;
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business
and Administration



1. Artigo parcialmente inspirado pelo programa “The Fingerprints of God” (“As Impressões digitais de Deus”) da Série “It is Written”, apresentada por Shawn Boonstra.
2. Mário Lívio, *Is God a Mathematician*, Simon & Schuster, 2009, disponível em português apenas no Brasil com o título *Deus é Matemático?*, Editora Record, 2010.
3. *Idem*, p. 1.
4. Frase atribuída a James Hopwood Jeans, um astrónomo e matemático britânico.
5. Mário Lívio, *op. cit.*, p. 1.
6. Stephen Hawking, *God Created the Integers*, Running Press, 2007, sem edição em português.
7. Frase atribuída, pelos menos, a dois matemáticos: Eric Temple Bell, um matemático nascido na Escócia e que viveu nos Estados Unidos a maior parte da sua vida (1883-1960) e Leopold Kronecker, um matemático alemão (1823-1891).
8. Philip Ball, *The Self-Made Tapestry*, Oxford Press, 1999.
9. Darcy Thompson, *On growth And Form*, publicado originalmente em 1917.
10. Philip Ball, *op. cit.*, p. 8.

Abordagem terapêutica do Dr. Neil Nedley,
autor do livro "Como sair da Depressão"

Prevenção, Tratamento e Cura

Aprenda a lidar com a

Depressão

10

dias para melhorar a sua vida

17 a 26 de março

Associação Portuguesa de Medicina Preventiva

Serra de S. Maria, 3230-055 Espinhal (Penela)

€450,00 em quarto duplo
€600,00 em quarto single
€200,00 para acompanhante



Inclui:
Alojamento
Alimentação
Acompanhamento
Consultas Médicas e Psicológicas
Tratamentos Naturais

Informações e Inscrição: giselapinheiro@medicinapreventiva.pt ou 93 556 18 15



associação portuguesa de
Medicina Preventiva



Associação
Internacional
de Temperança

Os Talentos

Investindo para a eternidade

Uma das mais impressionantes parábolas narradas por Jesus é, seguramente, a parábola dos Talentos. Jesus contou esta parábola para ilustrar a necessidade de os Seus discípulos fiéis aplicarem os dons que receberam de Deus na construção do Reino de Deus sobre a Terra. De facto, a parábola dos Talentos surge como uma chamada de atenção aos Cristãos para a responsabilidade que têm na gestão e aplicação das capacidades que lhes foram dadas por Deus.

O investimento de um homem rico

Jesus conta a história de um homem rico que confiou a cada um dos seus três servos uma certa quantidade de talentos, segundo a capacidade de cada um deles. A um servo deu cinco talentos, a um outro dois e a um terceiro um talento. Na Antiguidade eram frequentemente confiadas aos servos grandes responsabilidades, como, neste caso, a administração do capital do senhor ausente. O modo como Jesus começa a Sua parábola indica

imediatamente aos Seus ouvintes que a situação em que o senhor coloca os seus servos tem como objetivo confrontá-los com um teste. O senhor quer determinar quais os servos que são capazes de assumir maiores responsabilidades e, assim, determinar quais são dignos de partilhar da sua alegria e do seu gozo. O “talento” de que fala a parábola era a maior medida de valor monetário no mundo helenístico. Às vezes era pago em moeda cunhada, outras vezes em barras de ouro ou prata. Pesava entre 26

e 34 quilos. Um talento valia seis mil denários. Dado que um denário era o salário de um dia de trabalho de um assalariado rural, um talento equivalia a cerca de 16 anos e meio de trabalho. Era uma soma colossal! Jesus usa, na Sua parábola, a figura do talento – uma grande quantidade de dinheiro – para realçar a magnitude da responsabilidade imposta pelo senhor e assumida pelos três servos. Note-se que os talentos são propriedade do senhor. Eles são confiados aos três servos para que estes os façam render no interesse do senhor, e não no seu próprio interesse.

Gerindo o dinheiro do seu senhor

Os três servos reagem de modo diferente à confiança do seu senhor. Os dois primeiros aplicam o capital recebido e conseguem, deste modo, duplicá-lo. O terceiro servo decide esconder o seu talento num buraco na terra. A situação descrita aqui por Jesus é realista. Estes servos não são escravos, mas mordomos do seu senhor. O lucro extraordinário obtido pelos dois primeiros servos, ao conseguirem duplicar o capital, era bem possível na Palestina do primeiro século. O comportamento do terceiro servo tem também uma explicação. De acordo com a jurisprudência rabínica (*Mishnah Mês. 3.10; Talmude de Babilónia Mês. 42ª*), enterrar valores confiados por terceiros era considerado o modo mais seguro de proteção, pois assim ficavam protegidos dos ladrões. Quem enterrava um valor em dinheiro que lhe era confiado ficava livre de responsabilidades legais. Assim, aparentemente, esta atitude do terceiro servo absolvê-lo-ia de qualquer acusação. À primeira vista, o terceiro servo revela ser prudente e fiel.

O senhor regressa depois de muito tempo e quer saber o que aconteceu com o seu capital duran-

te a sua longa ausência. Jesus cria, assim, as condições para o desenrolar do teste que o senhor colocou aos seus três servos. Os dois primeiros servos apresentam o capital e o lucro resultante dos negócios empreendidos. Conseguiram um lucro de 100%. São louvados pelo seu senhor, sendo por ele considerados «féis», virtude por excelência dos bons mordomos. Como recompensa serão colocados pelo seu senhor sobre bens maiores e são convidados a entrar na alegria do próprio senhor.


Finalmente, o terceiro servo aproxima-se para prestar contas da administração do talento que lhe fora confiado pelo seu senhor. Para justificar a sua atitude cautelosa, o terceiro servo faz notar a dureza de carácter do seu senhor. O seu raciocínio é o seguinte: Dado que o seu senhor é

um homem duro, ele agiu da forma mais prudente – guardou o talento que lhe fora confiado no lugar mais seguro. Tendo enterrado o talento para o conservar seguro, como indicava a jurisprudência do seu tempo, aparentemente este servo surge como alguém cauteloso e totalmente inocente. Afinal, ele devolve intacto o dinheiro do seu senhor. Portanto, aparentemente, o seu senhor não perdeu nada. Não tem assim do que acusar o seu cauteloso servo. Ao dirigir-se ao seu senhor dizendo: “Eis que aqui tens o que é teu”, o servo usa uma expressão típica da linguagem comercial judaica do seu tempo, que exprime a total exoneração de qualquer responsabilidade da sua parte (*Mishna B. Qam. 9:2; 10:5; Mishna B Mês. 6:3*).

No entanto, em vez de elogiar o seu servo como alguém bom e fiel,

Vivermos conscientemente como discípulos de Jesus significa colocarmos as nossas capacidades ao serviço do Mestre.





Coloque os seus talentos ao serviço da causa de Deus.

o senhor censura severamente o terceiro servo, chamando-o “mau e preguiçoso”. O senhor argumenta que a desculpa que o servo apresentou – sobre ele ser um homem duro – quer fosse verdadeira, quer fosse falsa, devia tê-lo levado a agir de modo mais responsável. Se ele era um homem tão ganancioso como o servo o caracteriza, este devia ter-se assegurado de que o capital sob sua responsabilidade rendia algum juro. Devia, pois, ter entregue o talento aos banqueiros em vez de o enterar. Como castigo, o senhor ordena que o talento seja retirado ao terceiro servo e que este seja lançado nas trevas exteriores. Estas trevas exteriores, onde há choro e ranger de dentes, simbolizam a perdição total, longe da luz que emana da glória de Deus. É a punição que Jesus reserva aos Seus pretensos discípulos, aqueles que professam seguir-l’O, mas que não aplicam os seus dons ao serviço do Evangelho.

A lição espiritual da parábola

Qual a lição espiritual que podemos retirar da parábola dos Talentos? Esta pequena história contada por Cristo trata da atitude correta do Cristão face ao período de demora no regresso de Jesus. Ela recomenda uma atividade responsável e condena a inatividade preguiçosa. Os três servos simbolizam os Cristãos a quem Jesus, o seu Senhor, confia a tarefa de fazer frutificar os seus dons para o desenvolvimento do reino de Deus. Na ocasião do

regresso de Jesus, eles terão que prestar contas da gestão que fizeram desses dons. Portanto, devem utilizar sabiamente o tempo de espera que antecede a Segunda Vinda de Cristo. Nesta medida, vivermos conscientemente como discípulos de Jesus significa colocarmos as nossas capacidades ao serviço do Mestre e viver a vida com um objetivo: Servir o Senhor com os dons d’Ele recebidos. Fracassar no que concerne a esta obrigação é excluir-se do Reino de Deus.

O facto de o senhor – que simboliza Jesus – entregar cinco talentos a um servo, dois a outro e um ao terceiro, a cada um segundo a sua capacidade, indica a variabilidade dos dons confiados aos diversos seres humanos. Alguns têm muitos dons, outros menos, e ainda outros possuem somente um dom. De facto, nós somos diferentes nos dons que possuímos e alguns de nós possuem mais dons do que outros. Mas todos possuem pelo menos um dom e, assim, todos têm uma oportunidade de trabalhar para Cristo com o que lhes foi confiado. Afinal, mesmo um único talento é uma soma de dinheiro colossal! De qualquer forma, a nossa responsabilidade na aplicação dos nossos talentos varia diretamente na medida dos talentos que possuímos. Os que têm mais talentos são mais responsáveis perante Deus. Mas todos somos de algum modo responsáveis, pois todos temos pelo menos um talento a usar para a glória de Deus.

A parábola dos talentos ensinam-nos também que Jesus tem um modo muito particular de avaliar o sucesso dos Seus discípulos. Ele não pergunta: “Quantos talentos ganhaste com aqueles que Eu te dei?” Ele pergunta, sim, “Quantos talentos ganhaste em comparação com aqueles que te confiei?”. O que Jesus enfatiza é a fidelidade na aplicação dos dons confiados. Jesus avalia a fidelidade e a bondade na administração dos talentos confiados. Porém a principal lição que Jesus quer que retenhamos da Sua parábola diz respeito ao comportamento do servo que recebeu um só talento. O problema deste homem residia na sua falta de coragem e visão. Falta de visão, porque ele não percebeu que o seu único talento também era necessário para o serviço do seu senhor. Na verdade, para Jesus, todos os talentos são necessários. O terceiro servo desprezou o seu único dom dado pelo seu senhor. Mas também falhou em evidenciar coragem. Ele atemorizou-se diante do risco de falhar. Ora, Jesus quer que compreendamos que nada se consegue sem algum risco. Ele quer que saibamos que a perdição total é o fim daquele que não arrisca pôr os seus dons, ainda que pequenos, ao serviço do seu Mestre. A advertência de Jesus condensada na parábola dos talentos é dirigida aos crentes que descansam sobre a sua profissão de fé e deixam de se empenhar no serviço de Cristo.

Assim, faça-lhe um convite hoje. Coloque os seus talentos – mesmo que pequenos ou aparentemente insignificantes – ao serviço da causa de Deus. Dedique inteiramente os seus dons, herdados ou adquiridos, para o trabalho de expansão do Evangelho de Cristo. Um dia, Jesus recompensá-lo-á! ✨

• Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

A AIT ao serviço da Igreja



De outubro de 2007 a dezembro de 2012 tive a oportunidade de trabalhar para a AIT (Associação Internacional de Temperança), como Coordenadora Nacional. Desempenhei ainda a função de Vice-diretora da AIT. Foi um trabalho intenso e com alguns obstáculos, mas, ao mesmo tempo, gratificante, porque pude aprender muito. Considero que foi particularmente importante perceber a potencialidade que existe no trabalho Médico-Missionário. Foram diversos os casos em que, através das atividades realizadas em nome da Associação Internacional de Temperança, se puderam abrir portas para a Igreja Adventista do Sétimo Dia que, até então, nunca fora possível abrir. Houve mesmo casos em que a Igreja passou a ser muito bem considerada,

graças ao trabalho dos voluntários nas atividades de ExpoSaúde e Rastreios de Saúde.

Pude também perceber que a ExpoSaúde e os Rastreios de Saúde, que são eventos de maior visibilidade e dimensão, funcionam como uma “rede de pesca”, pois dão-nos acesso aos contactos de muitas pessoas. A partir daí, podemos inscrevê-las em atividades de continuação – no âmbito dos Amigos pela Saúde – e aprofundar o trabalho de educação para a saúde. Na realidade, é nas atividades simples dos Amigos pela Saúde que temos a possibilidade de nos tornarmos verdadeiros amigos dos participantes, promovendo a sua saúde. E claro, tenho em mente a saúde física, mental, social e, a seu tempo, a saúde espiritual. Tal como em tudo na vida, os resultados

não aparecem logo. É semelhante ao cultivo de uma árvore de fruto. Primeiro plantamos, depois cuidamos, regando e alimentando, para que tenha a possibilidade de crescer, e só depois obtemos os frutos. O mesmo se passa nos Amigos pela Saúde. Só passando por todas as suas fases é que os contactos darão fruto! É verdade que nem todos os contactos dão fruto, mas, certamente, que aqueles que o dão são valiosos aos olhos de Deus. Como já tem vindo a ser notícia na *Revista Adventista*, podemos, pela graça de Deus, falar de batismos em resultado do trabalho das ExpoSaúde, dos Rastreios de Saúde e dos Amigos pela Saúde.

Acredito ainda que os maiores beneficiados são os voluntários, porque é sempre mais feliz aquele que dá do que aquele que recebe. E, na realidade, vamos para dar e acabamos sempre por receber. Frases como “Vocês são mesmo diferentes: vêm aqui dar do vosso tempo em troca de nada e ainda são tão carinhosos connosco!” vão ficar para sempre na minha memória. A tabela ao lado resume as atividades realizadas no ano de 2012.

Finalmente, deixo o desejo de que Deus nos faça compreender a potencialidade do trabalho Médico-Missionário e que este possa crescer como um verdadeiro braço direito do Evangelho. Acima de tudo, que possamos louvar a Deus com este trabalho, amando o próximo! ✨

• Dr.^a Catarina Ferreira

Atividades 2012		Nº de Atividades	Nº de Participantes	Nº de Voluntários
ExpoSaúde		8	1464	297
Rastreios de Saúde		42	2388	553
Amigos pela Saúde	Seminários de Nutrição	7	249	55
	Seminário de Gestão e Controlo do Stresse	1	42	6
	Outros Seminários	10	411	33
	Planos de 5 Dias para Deixar de Fumar	1	2	3
	Cursos de Culinária	3	76	10
	Caminhadas	1	32	8
Outras atividades		17	326	12

Um apelo à vida, NUMA CARTA

Entrámos na luxuosa receção de um hotel em Lisboa, onde os lustres, os móveis e as tapeçarias anunciam o estatuto exclusivo dos hóspedes. Depois de uma curta viagem de elevador, percorremos os corredores longos e luminosos, até chegar à porta de uma das suítes, neste caso, a habitação regular da nossa anfitriã.

Tocámos levemente na porta, o que fez surgir uma simpática senhora, com uma farda impecavelmente branca, que nos introduziu nos aposentos. “A senhora está à espera”, informou. Aí, em contraponto com os espaços públicos do hotel, encontrámos a simplicidade e a utilidade indispensáveis para o dia-a-dia de uns frágeis 93 anos. No entanto, no meio da, ainda assim, cuidada decoração do ambiente, o que verdadeiramente se destacou foram uns cativantes olhos azuis, vivos, tão luminosos que reclamavam atenção perante todo o envolvente.

– Senhora deWild, como está a irmã? Cá estamos nós, como prometido.

– Boa tarde. Seja bem-vindo. Sente-se aqui ao meu lado. – responde a anciã, com um sorriso que não permite recusa.

Assim teve início o encontro do Presidente da UPASD, Pastor António Rodrigues, com a nossa irmã Maria Ângela Santiago Niarchos deWild – irmã Ângela – no qual re-

colhemos os dados necessários para o testemunho que lhe vamos contar. O testemunho de como, através do tempo, as palavras e as orações surtem os seus efeitos, mesmo que de formas surpreendentes.

A Família Conhece a Igreja

(Ou como um acidente dirige alguém à conversão)

Emília Pereira da Cunha era uma senhora de uma família da sociedade lisboeta do início do século vinte. Com posses financeiras consideráveis para a época, e face a problemas respiratórios frequentes das suas filhas, decide levá-las assiduamente a realizarem tratamentos na Suíça. Por volta de 1919, a senhora dona Emília partiu os dois pulsos, fruto de uma queda. É então que toma a iniciativa de recorrer aos serviços de uma enfermeira portuguesa, Rosália Pires, que conhecera numa das suas estadias na Clínica de la Lignière, o Sanatório Adventista de Gland, enfermeira que, no ano seguinte, retorna definitivamente a Portugal.

No relacionamento que se gerou

entre enfermeira e paciente nasceu uma amizade, que permitiu que a enfermeira Rosália partilhasse a sua crença religiosa Adventista com a dona Emília. Católica por educação, conta-se que a senhora chegou a organizar um encontro entre o célebre pastor Adventista do Sétimo Dia Paul Meyer e o pároco local, no sentido de se elucidar relativamente às suas dúvidas de fé. Este interesse acabou por ter como consequência o batismo da irmã Emília e de três das suas filhas, em 1920, vindo a mãe a ser membro proeminente da Igreja Central de Lisboa. Referindo-se à irmã Emília, o Pastor Ernesto Ferreira escreveu, no número de abril de 2002 da *Revista Adventista*: “Durante as décadas de 20 a 40 do século XX, distinguiu-se, na Igreja Adventista de Lisboa, uma crença de agradável aspeto, de porte exemplar, de simpático relacionamento e, acima de tudo, profundamente empenhada nas atividades espirituais da Igreja.” O próprio edifício da Igreja, construído em 1924 pelo famoso arquiteto Pardal Monteiro, terá contado com um significativo contributo financeiro da irmã Emília Pereira da Cunha.

De Geração a Geração

(Ou o apelo amoroso de mãe)

Manuela da Cunha Santiago deslocava-se com frequência com a mãe, a irmã Emília que acima co-



a dúvida!). Por isso, peço-te que vás todos os Sábados à igreja e estudes todas as lições (...). Pede a Cristo para te dar entendimento e vontade de ouvir a Palavra de Deus, se gostas de mim e deres o teu coração a Jesus, que te ama tanto!” (sic).

Como responderia Maria Ângela a este apelo?

Regresso a Casa

(Ou de como uma carta pode ser um mapa)

A jovem Maria Ângela tornou-se na senhora embaixatriz Pavelatous e, mais tarde, senhora deWild, fruto do seu segundo casamento com um homem de negócios norte-americano radicado em Atenas. Ao longo do tempo, visitou inúmeros países, conheceu milhares de pessoas, aprendeu línguas e descobriu culturas, até, há 16 anos, decidir regressar a Portugal.

Um certo dia, com 89 anos, a senhora deWild encontra a carta da mãe, que citámos atrás. Zelosa pelo seu conteúdo e pelas lembranças que traz, decide plastificá-la, juntamente com outras, para perenizar a memória. E, ao lê-las, resolve responder ao apelo da mãe, 55 anos depois. Decide ir à igreja.

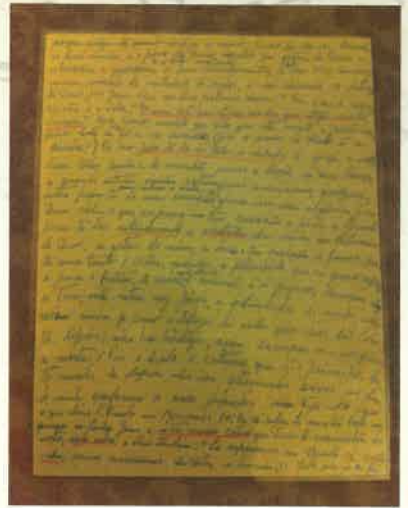
Acompanhada pela sua auxiliar, e com a motivação de procurar a paz e o conforto anunciados pelas palavras da mãe, dirige-se a uma Igreja Adventista do Sétimo Dia em Lisboa, mas não a identifica como o edifício que frequentava na sua mocidade. Pergunta, então, ao motorista de táxi que a conduz se não conhece uma outra. Ele lembra-se de um edifício antigo e belo, na zona da Estefânia, onde a leva. E é assim que a senhora deWild, a menina Ângela de há quase setenta anos, entra na Igreja Central de Lisboa, em 2009, numa reunião de quarta-feira à tarde.

Após os primeiros contactos, esta nova visita começou a ter estudos bíblicos com o pastor local,

nhecemos, à Suíça, por motivos de saúde. Foi precisamente numa dessas visitas que conheceu Constantinos Niarchos, cidadão grego, com quem casou em 1919. Manuela foi uma das três filhas que acompanhou a mãe na sua adesão à Igreja, a partir de 1920. Deste casamento nasceu uma filha, Maria Ângela Santiago Niarchos, personagem principal da história que contamos.

Os primeiros anos de Maria Ângela foram passados na companhia dos pais, principalmente da mãe, que com ela partilhou o conhecimento cristão que adquirira. Aos vinte anos, Maria Ângela casou com um diplomata grego, Kontantinos Pavelatous, o qual acompanha nas suas missões por diversos países, provocando a separação física da mãe.

Manuela Santiago, contudo, nunca deixou de se fazer presente na vida da única filha, em especial através de cartas regulares, nas quais se referia frequentemente à importância da fé. Numa delas, datada de 24 de outubro de 1954, exortava Maria Ângela a visitar, onde estivesse, uma igreja Adventista e a não descurar a importância do estudo da Palavra. Fazia-o desta forma: “Quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá.’ Eu creio, acredito, que tudo está escrito, e será cumprido. Esta é a minha fé e não duvides (pois a arma do diabo é



Uma das cartas que a irmã Maria Ângela Niarchos deWild guarda com carinho.



Irmã Maria Ângela Niarchos deWild com 93 anos.

que culminaram na sua aceitação por voto de profissão de fé, no dia 28 de agosto de 2010, presenciado pela sua auxiliar, uma cristã católica, o seu fisioterapeuta e o seu sobrinho, família mais próxima que guardou até esta fase avançada da vida. Nesse dia, aos 90 anos, a irmã Ângela testemunhou da sua conversão e vontade de entregar o coração a Deus.

Hoje, continua a viver a mesma alegria, contando e confirmando com emoção que foi pelas palavras escritas à distância pela sua mãe que se sentiu chamada, de novo, à presença de Jesus. E sorri ao testemunhar, pois Jesus é hoje, de facto, depois de uma vida tão cheia e completa, a sua grande razão de viver. ✨

• **Redação da Revista Adventista**

A Galáxia Sombrero

Dado que precisava de dinheiro para poder viajar para a Europa no verão, trabalhei como arrumador de carros em hotéis e restaurantes na região de Miami Beach durante o meu último ano de Liceu. Durante alguns meses trabalhei no Hotel de *Newport Beach*, no cruzamento da Avenida *Collins* com a Rua 167.

Num quarteirão mais acima havia uma pequena empresa que oferecia viagens de helicóptero. Numa tarde abafada, estando eu a estacionar um carro, o helicóptero aterrou num mau ângulo e cortou a cabeça a um homem. O acidente em si mesmo ocorreu fora da minha linha de visão, mas as sirenes, as luzes faiscantes, os carros da polícia encheram os meus ouvidos e olhos durante horas.

No dia seguinte, antes de ir trabalhar, passei pelo lugar. O escritório da empresa de viagens estava fechado, o helicóptero tinha desaparecido. Não vi qualquer vestígio de sangue, nada que indicasse ter ocorrido uma decapitação. Em vez disso, vi mães a empurrarem os seus bebés nos carrinhos; vi miúdos a andarem de *skate* no passeio; vi pessoas serpenteando como num qualquer outro dia na Florida; vi um carro descapotável passar, deixando um trilho de música misturada com fumo de escape e risos.

O tempo e o espaço estavam tão fora de ordem: uma pessoa morreu, exatamente aqui – e todo um universo, pelo menos aquele que existia na sua mente, morreu com ela. No entanto, passado um dia do acontecimento, tudo estava como se aquela morte nunca tivesse ocorrido!

Não muito depois, estava por trás do Hotel de *Newport Beach*,

de noite, olhando para as estrelas sobre o oceano. Os meus pensamentos já estavam magoados, não tanto pela morte do homem, mas pela rapidez com que ela parecia ter sido apagada da realidade. Agora, olhando para as estrelas, pensando nas suas vastas distâncias, que faziam a Terra parecer tão pequena, fui dominado pela minha insignificância. Como podia eu, tão minúsculo em contraste com o cosmos, significar qualquer coisa – especialmente quando podia morrer e, no dia seguinte, o lugar onde expirasse já nada revelasse acerca da minha morte? O tempo (o pouco que eu tinha) e o espaço (o pouco que eu ocupava), quando adicionados, faziam-me sentir menos do que zero.

A minha reação imediata foi sentir pavor. Não é fácil para um ser humano, com apenas 17 anos, admitir que a sua vida, os seus pensamentos, tudo o que é seu, na realidade nada significam. No entanto, logo depois desse momento de terror, uma onda de tranquilidade penetrou-me nos ossos e encheu-me de calma: *descontrai-te, festeja sempre que possas e não leves a vida de um modo sério de mais. De qualquer forma, como poderia algo que é insignificante ser sério?*

Como é óbvio, aquela filosofia de vida não funcionou comigo, pelo menos não no longo alcance. (Se tivesse funcionado, não estaria onde me encontro hoje.) Mas quem, ainda assim, não se sente dominado pela vastidão do tempo e do espaço em contraste com a nossa minúscula e transitória existência no interior deles?

O pano de fundo do ecrã do meu computador é uma fotografia da Ga-

laxia Sombrero tirada pelo telescópio *Hubble*. A primeira vez que a vi, quase me desmanchei em lágrimas. Por um lado, a sua espantosa beleza, por outro o tamanho, a distância, a vastidão, o alcance, a grandeza de toda ela em contraste comigo, com a Terra, com o nosso sistema solar, parecia ser incompreensível. Como é injusto sermos confrontados com uma realidade que não conseguimos apreender, uma realidade que anda em torno de nós, provocando e gozando a nossa trivialidade, o nosso tamanho e a nossa ignorância. Quem entre nós pode começar a medir o conhecimento, o poder, o raciocínio, as verdades e os propósitos que se aplicaram à Galáxia Sombrero, que é apenas uma entre milhares de milhões de outras galáxias? Eis-nos aqui, tão pequenos e tão isolados, um grão de pó da Criação, com tanto à nossa vista, mas que se encontra tão infinitamente para além da nossa compreensão.

A única coisa que nos pode salvar deste absurdo é o Evangelho, a esperança da redenção, a promessa de que a nossa vida tem um valor infinito, e que, um dia, tudo será solucionado, corrigido e explicado por Deus. Sem Ele, e sem tudo o que Ele tem para nos oferecer, o que temos nós, senão cabeças decapitadas aqui em baixo, enquanto galáxias brilhantes desfilam a velocidades fantásticas através do cosmos lá em cima, gozando-nos, provocando-nos e deixando-nos como naufragos no nosso pedacinho de espaço e na nossa partícula de tempo?! ♣

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual de Estudo da Escola Sabatina

Um incêndio na cabana

Conta-se que um pescador, ao enfrentar uma tempestade, se desviou da sua rota e deu à costa numa ilha deserta. Depressa se apercebeu de que não conseguiria sair dali. Então, decidiu construir uma cabana, feita de troncos de coqueiros com folhas de palmeira. “Já que aqui vou ficar”, pensou, “mais vale fazer um teto para me abrigar”.

Ainda nem se tinha habituado ao novo lar, quando, numa noite de trovoadas, caiu um raio numa árvore junto à sua cabana, que incendiou tudo à volta. Coitado do pescador! Além de náufrago e solitário, estava agora novamente sem ter onde se abrigar!

– Mas o que fiz eu para merecer tudo isto?! – perguntava-se ele, a chorar. Na manhã seguinte, logo aos primeiros raios de Sol, o pescador viu que algo se aproximava da ilha. Ele nem queria acreditar: um barco! Já a bordo, agradeceu, emocionado, por ter sido resgatado. E perguntou como tinham descoberto que ali vivia alguém. Responderam-lhe:

– Não sabíamos. Nós vimos o fumo e pensámos que alguém estava a pedir ajuda. Foi um gesto muito sábio da sua parte!

O pescador compreendeu que até os acontecimentos menos bons podem contribuir para mudar a nossa vida para melhor. Quando acontecem, é difícil aceitá-los e compreendê-los. Mas, mais tarde, percebemos que nos levaram a crescer e a ficar mais fortes.



Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

mar 2013 Agenda

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
27	28	29	30	31	1 Josias (II Reis 23) Revê a lição da Escola Sabatina.	2 Mateus 26:41 Passeia na Natureza.
3 Marcos 10:36	4 Salmo 17:8	5 Colossenses 1:9	6 Salmo 149:4 Prepara um lanche para alguém que ames.	7 Isaías 6:3	8 Jabés (I Crónicas 4:9 e 10)	9 II Coríntios 7:1 Lê um livro diferente hoje.
10 Êxodo 15:11	11 Hebreus 4:15	12 João 1:1-3 Procura o significado do teu nome.	13 Apocalipse 7:14	14 Hebreus 7:25	15 Asa (II Crónicas 14-16) Ouve o teu hino favorito.	16 Isaías 53:6 Acorda cedo este Sábado.
17 Efésios 6:11	18 Salmo 63:8	19 Deuterónimo 33:12 DIA DO PAI	20 Apocalipse 3:12	21 Salmo 119:117	22 Josafat (II Crónicas 17-20) Ora pelas crianças que não têm comida.	23 Provérbios 1:10 Chega cedo à igreja.
24 Jeremias 15:20 Jeremias 6:16	25 Isaías 1:18	26 Salmo 139:24 Alimenta um animal abandonado.	27 Isaías 40:11	28 II Coríntios 1:20	29 Uzias (II Crónicas 26) Estuda a Lição.	30 Êxodo 33:19 Memoriza um versículo da Bíblia.
31						

Vemos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não tenhamos ouvido falar. Podes pedir ajuda aos teus pais ou aos teus irmãos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!

Álcool e Espírito

Fala-se tanto sobre os benefícios para a saúde que resultam do consumo do vinho em quantidades moderadas que me questiono se, do ponto de vista bíblico, tal posição é aceitável. Podem ajudar-me?

O Dr. Steve Thompson, supervisor de pesquisas de grau superior no *Avondale College of Higher Education*, em Cooranbong, Austrália, apresentou a sua perspectiva sobre o álcool num artigo que, por ser muito útil, entendi adaptar e partilhar com os leitores, dada a oportunidade que resulta da pergunta feita à *Revista Adventista*.

De uma perspectiva cristã, uma abordagem antiga, mas ainda válida, quanto aos perigos do consumo de álcool, é a ideia de que tal consumo tem implicações espirituais. Não devemos ignorar o significado da expressão estar “sob a influência de” uma bebida alcoólica.

O que é essa influência, e o que significa isso? Ao invés de estar “sob a influência” do Espírito Santo, poder-se-ia estar “sob a influência” de outro espírito, tomado em forma líquida? [Em inglês, a palavra *spirit* significa também bebida alcoólica.]





Geralmente, a expressão “estar sob a influência de” uma bebida alcoólica refere-se ao efeito que o álcool tem sobre as vias neurais delicadas, ao atravessar facilmente a barreira hematoencefálica (a estrutura membranosa que protege o Sistema Nervoso Central de substâncias químicas presentes no sangue, permitindo, ao mesmo tempo, a função metabólica normal do cérebro). Esse “espírito” líquido pode rapidamente prejudicar o discernimento, ao interferir nos nossos processos de pensamento complexo. Só por curiosidade, permitam-me referir que, antes dos 17 ou 18 anos, nenhum jovem deveria ingerir qualquer bebida contendo álcool, pois o seu fígado não está suficientemente maduro para metabolizar esse álcool, fazendo com que este permaneça mais tempo na corrente sanguínea. Consegue prever os efeitos deletérios daí resultantes?

Muitas sociedades antigas, incluindo as que existiam no mundo bíblico, viam a intoxicação como uma experiência espiritual. Nos últimos 200 anos, esta explicação para a embriaguez foi superada por uma explicação diferente, que foca em especial o efeito farmacológico do álcool no nosso metabolismo geral e, em particular, no cérebro. Talvez isso se dê porque os efeitos do álcool sobre o corpo se tornaram mais fáceis de medir do que o seu efeito sobre o espírito humano.

No entanto, a ideia de que beber tem dimensões espirituais – talvez fosse mais correto dizer “contraespirituais” – não desapareceu. Está mesmo a recuperar terreno entre pessoas que dão preferência a uma compreensão científica da realidade. A questão é: essa ideia é bíblica? Nada melhor do que usar a própria Bíblia para nos dar as respostas. Notem as seguintes passagens.

Em Atos 2:11-13, alguns dos presentes ouviram os crentes falar nas suas próprias línguas sobre “as

obras maravilhosas de Deus” e presumiram que eles estariam “cheios de vinho novo”. A propósito, Pedro esclarece-os, dizendo que não estavam bêbados, mas sim cheios do Espírito de Deus.

Paulo, em Romanos 13:12 e 13, apelou aos crentes para se manterem longe das “obras das trevas”, citando a embriaguez entre essas obras e desafiando-os a revestirem-se com “a armadura da luz”. Note-se, também, I Coríntios 10:21: “Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demónios.” Paulo admoestou os Efésios a não se embriagarem com vinho, “no qual há dissolução”. Em vez disso, ele recomenda: “Enchei-vos do Espírito” (Efé. 5:18).

Na primeira Epístola de Pedro, estar sóbrio é associado três vezes com valores espirituais desejáveis. Em I Pedro 1:13-15, associa-se com viver uma vida de santidade. Em I Pedro 4:6 e 7, é dito que é necessário àqueles que vivem no Espírito. Em I Pedro 5:8, é um pré-requisito para a batalha espiritual de resistir ao Diabo.

Quando Deus chamou os Israelitas do Egito, Ele não lhes deu “vinho ou bebida semelhante” (Deuteronómio 29:6). As pessoas chamadas por Deus para exercerem um papel espiritualmente desafiador precisavam de uma mente clara (ver Levítico 10:8-11 e Lucas 7:33).

Portanto, é claro que a Bíblia contrasta os ‘espíritos’ do álcool com o Espírito Santo. O desafio é escolher um ou outro, sendo que é a sua vida, claro, que está em causa. Está ela sob a influência de Deus? A escolha parece tão óbvia... O álcool, também do ponto de vista bíblico, nunca é saudável. ❖

• Alberto Pereira da Silva

*Médico, especialista em Medicina Geral e Familiar
Colaborador do Departamento de Saúde e Temperança da UPASD na área do Alcoolismo*

O Cinto da Verdade

Se lhe fosse pedido que descrevesse um centurião ou soldado romano, por onde começaria? Seriam os seus olhos atraídos para a armadura peitoral faiscante e brilhante? Talvez começasse a sua descrição com o capacete distintivo, com as suas decorações de bronze e plumas ou cerdas coloridas. Mas Paulo começa a sua descrição da armadura romana/cristã em Efésios 6:10-18 pelo cinto da verdade. “Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade” (Efé. 6:14).

Um cinto romano

Por que razão começaria Paulo a sua descrição com um item tão simples e tão comum como é um cinto? A maioria de nós tem cintos pendurados no armário ou colocados à volta dos *jeans*, saias ou calças. Afinal, um cinto é algo tão corriqueiro, tão simples, tão pouco merecedor de atenção. Qual é o significado de um cinto? Estes eram os meus pensamentos antes de a minha pesquisa me ter revelado que o cinto militar romano, *cingulum* ou *cingulum militare*, era uma das posses mais valiosas de um soldado romano.

O *cingulum* tinha cerca de 6,2 centímetros de largura, possuindo frequentemente uma elaborada fivela de bronze e uma ponta de cerca de 4 centímetros que atravessava a fivela. O cinto do soldado mais jovem e de mais baixo escalão seria normalmente bastante simples e sem adornos. No entanto, quanto mais avançasse na idade e nos escalões militares, mais elaboradamente decorado e distintivo se tornava o seu cinto.

Os centuriões de alta patente tinham, usualmente, placas de bronze rebitadas no seu cinto, cobrindo toda a superfície, exceto a ponta.

Os arqueólogos já desenterraram placas de cinto que exibem uma grande variedade de padrões e de decorações. O centurião de patente mais alta poderia ter placas gravadas que teriam sido deco-

radas com *niello*, um processo de encher os baixos relevos de placas de bronze com cobre e sulfetos de chumbo para formar um padrão preto contrastante. O bronze e o *niello* seriam então lixados com areia até terem o mesmo nível e então, frequentemente, o bronze seria prateado, produzindo algo semelhante a um padrão embutido de extrema beleza.

Um cinto militar romano era algo tão distintivo que um soldado, mesmo apenas com a sua túnica e sem armadura, podia ser imediatamente identificado pelo seu cinto. O cinto traía imediatamente quem ele era. Quando um soldado era castigado com serviço suplementar (trata-se de uma forma de disciplina com uma longa história), ele teria frequentemente que fazer a guarda apenas com a sua túnica, sem o cinto. A túnica era semelhante a uma *t-shirt* extra longa que lhe chegava aos joelhos, pelo que, usá-la sem o seu cinto distintivo, fazia a túnica parecer roupa de mulher. Isto provocava humilhação e vergonha no soldado castigado.

Se um soldado se metesse verdadeiramente em sarilhos, o seu comandante retirar-lhe-ia o seu cinto, o que significava que o soldado já não pertencia à legião e era indigno de ser tido por soldado. Assim, o *cingulum* era, de facto, uma peça muito importante do uniforme do soldado romano.

Mais do que um acessório de moda

Mas o *cingulum* era mais do que apenas para ser visto. Tinha múltiplas funções vitais e práticas. Ele rodeava a armadura, mantendo-a junto ao corpo, garantindo assim uma melhor proteção. Também ajudava a prevenir a fricção que aconteceria caso a armadura fosse usada solta. O cinto era firmemente apertado para o tornar eficaz.

Note que Paulo diz que o cinto deve “cingir os lombos”. Ele seria ineficaz se fosse apenas uma decoração solta. Além de ajustar a armadura ao corpo, o cinto também suportava a correia de couro de onde estava suspenso o *gladius*, a espada curta romana e a sua bainha. Esta correia seria apertada sob o cinto e manteria, assim, a espada à mão para uso imediato.

Cada soldado romano também levava consigo um punhal, o *pugio*, que estava ligado diretamente ao *cingulum*. Este punhal era usado em combate corpo-a-corpo e nenhum soldado estaria pronto para entrar em ação sem ele no seu cinto.

Jesus quer rodear-nos como se fosse um forte cinto

Os soldados de baixo escalão teriam entre cinco a oito correias de couro fixadas ao cinto, que pendiam deste até à altura do joelho na zona da virilha. As correias tinham cerca de 2,5 a 4 centímetros de largura. O conjunto destas correias era conhecido pelo nome de *sporran*. Quando a armadura romana passou do estilo de cota de malha, que chegava até ao joelho, para o estilo de bandas de metal, que chegava apenas à cintura, os soldados romanos adicionaram o *sporran* como peso extra para impedir a túnica de ser erguida pelo vento, bem como para funcionar como âncora quando o soldado se sentava. A proteção efetiva do *sporran* na batalha era mínima, mas a sua colocação tinha um valor emocional, pois as pontas de metal de cada correia estavam concebidas para fazerem barulho à medida que os soldados marchavam para a batalha, servindo assim de incentivo psicológico para a moral militar.

Lições a serem aprendidas

É óbvio que o cinto romano tinha muitos propósitos vitais, que transcendem os dos nossos cintos comuns de hoje em dia. Não admira que Paulo começasse a sua descrição da armadura com o cinto da *verdade*. Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6). Imagine isto. Jesus quer rodear-nos como um forte cinto e ajudar a manter-nos protegidos em todas as batalhas da vida. Ele quer ser uma parte “bem apertada” da nossa vida, não apenas um mero acessório, associado connosco de forma solta. Quando nós Lhe permitimos ser a nossa verdade essencial, podemos ser tão

claramente identificados como Seus seguidores por aqueles que nos rodeiam como o soldado romano era identificado pelo seu *cingulum*.

A verdade de Deus não é mera decoração. Jesus, a verdade viva, traz à nossa vida e a tudo o que fazemos e somos um aspeto prático funcional e terra-a-terra. Ele ajuda-nos a estarmos bem equipados quando enfrentamos o nosso inimigo espiritual.

Uma coisa importante a recordar é que o cinto não deve ser usado como uma arma que causa dano e destruição. Pelo contrário, é uma parte da armadura completa que oferece força, preparação, beleza e estabilidade à nossa vida individual. Paulo mostrou possuir grande intuição quando começou a sua descrição pelo cinto da verdade, e nós mostraremos ser sábios se nos cingirmos com ele diariamente.

Como está o seu cinto hoje?

• **Dick Stenbakken**

Diretor reformado dos Ministérios
Adventistas de Capelania

curar

Perceções, expectativas e factos;
Uma reflexão através da ciência,
fé e cultura.



ALGUNS DOS TÓPICOS QUE SERÃO ABORDADOS:

- DETERMINANTES GENÉTICOS NA CURA ●
- O ESTILO DE VIDA E A CURA ●
- REGENERAÇÃO SEM CURA ●
- EMOÇÕES, DOENÇA E CURA ●
- A CURA E A CIÊNCIA MÉDICA ●
- FÉ E CURA ●

QUEM DEVE PARTICIPAR?

Médicos, dentistas, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas, pastores, obreiros, professores, terapeutas ocupacionais, fisiologistas, assistentes sociais, estudantes, administradores, outros prestadores de cuidados de saúde e todos os que estiverem interessados em cuidados de saúde.

CONGRESSO EUROPEU DE SAÚDE

PALESTRANTES:

Ted Wilson, Allan Handysides, Peter Landless, Gary Fraser, Winston Craig, Gary Hopkins, Duane McBride e muitos outros.

REGISTE-SE AGORA

www.european-health-conference.org

PRAGA, REPÚBLICA CHECA
29 DE ABRIL – 4 DE MAIO, 2013

**SEVENTH-DAY
ADVENTIST CHURCH**
Inter-European Division*
Euro-Asia Division
Trans-European Division
* Previously Euro-Africa Division

health 
MINISTRIES
DEPARTMENT

